

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | José Carlos Heinemann: Bons soldados e excelentes agricultores

PÁGINA 09 | Eduardo Iepsen: Jacob Rheingantz: a construção de um herói

PÁGINA 13 | Wilhelm Wachholz: Triglaw: a proteção pomerana

PÁGINA 16 | Carmo Thum: Silenciados pela hegemonia alemã

PÁGINA 20 | Martin Dreher: Há entre os pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada

PÁGINA 23 | Joana Bahia: Magia e religião: heranças de outro mundo

PÁGINA 25 | Jairo Scholl Costa: Pomeranos: construtores de um império?

PÁGINA 27 | José Nunes: Valorizar é projetar o futuro

PÁGINA 29 | Vânia Grim Thies: Uma cultura ameaçada

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 33 | Dom Roque Paloschi: Tributaram aos índios uma conta que não é deles

» Teologia Pública

PÁGINA 35 | Dom Sebastião Gameleira Soares: Novas visões na fé não podem ser invenções

» Invenção

PÁGINA 39 | Elson Fróes

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 46 | Mariano Pinasco: O massacre de San Patricio. Religiosos palotinos são trucidados

» Perfil Popular

PÁGINA 49 | Luiz Fernando Martins

» Cartas do Leitor

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Alice Grecchi



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Bons soldados e excelentes agricultores

A trajetória pomerana é marcada pelo trabalho agrícola, avalia José Carlos Heinemann

POR PATRICIA FACHIN

Especialista em pomeranos há mais de três décadas, o historiador José Carlos Heinemann tem acompanhado a história desse povo nas comunidades existentes no Brasil, localizadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ele comenta as peculiaridades de cada grupo e reitera a valorização dos pomeranos pela terra. “A experiência desse povo no trabalho junto a terra é milenar. Para comprovar isso, basta visitá-los no Espírito Santo, entre montanhas e vales. Com todos os percalços durante o ano: seca, chuvas fortes, frio, sol escaldante, eles abastecem grandemente outras regiões vizinhas e a capital”, destaca.

Graduado em História, pela Unisinos, e em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), Heinemann produziu o documentário *Da Pomerânia a Ibirubá. A saga de um povo*, no qual conta a trajetória dos primeiros imigrantes que chegaram no país em 1898, na Colônia General Osório, em Ibirubá. Em 2000 e 2001, o pesquisador esteve na Europa ministrando aulas e divulgando a história dos pomeranos, atividade que ocupa seu dia-a-dia.



Divulgação

IHU On-Line - Quem são os pomeranos?

José Carlos Heinemann - Antes das grandes migrações, as pesquisas apontam para grupos étnicos e de origem germânica que povoaram a Pomerânia: os ruguérios e lemóvérios, tribos góticas, antigos germânicos que nos séculos III e IV invadiram o Império Romano do oriente e ocidente. Mais tarde, os ruguérios e lemóvérios deixaram para trás seus doentes, idosos e aqueles que decidiram permanecer em terras junto à costa báltica e seguiram em 456 d.C. para a Itália, onde se filiaram à região do governo de Teodósio, O Grande.¹ No lugar deles, em migração silenciosa e pacífica, vieram os sorábicos (wenden), povo que deixou as terras ao longo do rio Dnieper (Ucrânia). Eram de origem eslava, porém pertencentes aos grupos indo-germânicos. Como tam-

bém eram loiros e de olhos azuis, mas de estatura menor, juntaram-se com os ruguérios e lemóvérios que ficaram nas terras pomeranas, preservando a cor dos cabelos e dos olhos. A junção desses povos nessas terras próximas ao mar Báltico, originou-se o nome de *Po Morju*, palavra sorábica, que traduzindo significa habitantes que vivem ao longo da costa do mar, com uma extensão de 500 quilômetros. A cristianização dos pomeranos data do século XII, período em que foram batizados pelo bispo Otto von Bamberg,² na localidade de Ottobrunnen.

A região da Pomerânia sempre foi povoada por várias tribos ou grupos étnicos que vinham e iam embora, porém sempre deixando as suas marcas. A melancolia deles é característica dos habitantes que vivem numa região plana, onde o horizonte é a linha divisória entre o céu e o mar ou entre o céu e o verde das matas que se encontram.

Desenvolvimento da Pomerânia

² Otto von Bamberg (1060-1139): foi um bispo alemão. Converteu grande parte da Pomerânia ao cristianismo. (Nota da IHU On-Line)

Em 1823, a Pomerânia, antiga Província da Prússia, estava dividida em três setores governamentais: Stettin (cidade capital de grande fluxo de pessoas e comércio aduaneiro) e em outras duas na região denominada de costa Báltica (Vorpommern), Stralsund e Köslin (1266). A cidade de Stettin possuía um intenso comércio em seu porto (Swinemünde), fábricas de açúcar de beterraba, tecidos de lã, âncoras, tabaco e as especialidades de frutas secas: abóbora, maçã, pêra e ameixa.

Mercadores russos circulavam em Stettin, capital da Pomerânia de 1729 a 1945, ano do desaparecimento da Pomerânia como província prussiana. Cidade unicamente eslava que, em meados do século XII, se tornava um grande centro entreposto com o Mediterrâneo e a cidade hanseática de Lübeck.³ Pelo porto, passavam produtos

³ Lübeck: cidade do norte da Alemanha localizada no estado de Schleswig-Holstein. Lübeck é uma cidade independente (Kreisfreie Städte) ou distrito urbano (Stadtkreis), ou seja, possui estatuto de distrito (kreis). Fundada em 1158 por Henry, o Leão, Lübeck tem sua área ocupada desde o século I a.C.. Fazia parte da famosa

de exportação dos camponeses, como cera, mel, produtos florestais, frutas secas, repolho, penas de gansos, troncos, madeira, alcatrão, trigo, centeio, peles de animais. Além disso, importavam produtos vindos do Sul da Europa e estados escandinavos. Essas atividades aceleraram o desenvolvimento das regiões da costa báltica, e principalmente o interior da Pomerânia, que era pobre e pouco desenvolvido.

O interior fornecia matérias-primas e alimentos que provinham dos trabalhos dos colonos em grandes propriedades de fazendeiros abastados. Trabalhavam incessantemente nas lavouras de beterraba branca, da qual extraíam açúcar e faziam bebida forte, lúpulo, cevada, trigo, forragem para animais e batatas. Criavam ovelhas, suínos, muitos gansos e no sul da Pomerânia um pouco de abelhas. Os pomeranos moradores dos povoados de Stralsund e Neustettin eram exímios fazedores de geléias, compotas frutas secas e cristalizadas de pêra, maçã, framboesa, ameixa e abóbora gigante.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre os pomeranos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo?

José Carlos Heinemann - A diferença fundamental foi a maneira como comercializaram a produção agrícola, em 1857. No Espírito Santo, se isolaram nas altas terras, entre morros e rochas graníticas. Mais tarde, depois de sete anos, comercializaram as primeiras colheitas com os vendedores da região. Anos depois, alguns pomeranos tornaram-se tropeiros levando as sacarias de café e verduras no lombo dos burros, passando por caminhos íngremes e depois seguindo de canoa via rio Santa Maria para a capital da Província: Vitória. Na metrópole, comercializaram as colheitas por produtos de primeira necessidade como sal, tecido e ferramentas para o trabalho na lavoura. Essa também foi a característica dos pomeranos de Santa Catarina. Porém, esses não eram tão distantes um dos outros, e a familiaridade com os brasileiros e alemães vindos das outras regiões da Alemanha foi bem mais fácil e natural.

Liga Hanseática. Possui ainda um dos maiores portos da Alemanha, sendo o maior do Mar Báltico. (Nota da IHU On-Line)

Já no Rio Grande do Sul, em São Lourenço do Sul, se instalaram os pomeranos e descendentes que se assemelham aos das terras pomeranas. Quando eles chegaram em São Lourenço do Sul, no ano de 1858, já havia um porto comercial e muitos armazéns de portugueses e brasileiros na beira do cais. Em pouco tempo, famílias pomeranas se deslocavam semanalmente para o porto na tarefa de comercializar tudo o que produziam: fumo, cereais e posteriormente a batata. Com isso, logo, logo se entrosaram e adaptaram-se com a vida dos brasileiros, diferente de outros pomeranos que viveram isolados por dezenas de anos.

IHU On-Line - De que maneira a localização geográfica em que esses povos foram instalados influenciou no seu desenvolvimento e nas mudanças culturais?

José Carlos Heinemann - Na política brasileira do Império, uma figura se destaca pelo seu empreendimento e ousadia. Conhecedor da política brasileira, o Conde de Linhares (Dom Rodrigo de Souza Coutinho)⁴ tinha grandes planos para que outras regiões do país, mais afastadas do Rio de Janeiro, pudessem progredir, criando numerosas vilas e comarcas jurídicas. O historiador Jurandir Malerba⁵ menciona o conde de Linhares como homem excepcional e empreendedor, com boa visão para a política desenvolvimentista brasileira. Com seu prestígio na Corte brasileira, lançou sementes de progresso como a possibilidade de navegação nos rios brasileiros, começando com os rios São Mateus e Doce, na Província do Espírito Santo. O acordo comercial firmado em 1810, em nome dos governos inglês e português, trouxe suporte financeiro para tal projeto. Com parte dessa quantia financeira, incursões foram designadas por expedições com a tarefa de percorrer diferentes pontos do

4 **Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho**, primeiro Conde de Linhares, (1755-1812): foi um militar e político português. (Nota da IHU On-Line)

5 **Jurandir Malerba**: doutor em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP), é professor na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Malerba concedeu entrevista à IHU On-Line número 263, intitulada *A corte portuguesa no Brasil. Mitos e verdades*, de 24-06-2008. O material está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

país a fim de combater grupos indígenas, que tinham destruído estabelecimentos portugueses e algumas estradas. Vários acordos foram firmados entre o governo e os índios do grupo Puris, nas cercanias da Província de Minas Gerais. Conforme a viajante Maria Graham,⁶ essas terras ficavam nas cercanias da Província de Minas Gerais e nas margens do Rio Doce, na parte das terras da Província do Espírito Santo. Na região de Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, os pomeranos foram instalados entre os mineradores da Província de Minas Gerais e os índios Botocudo⁷. Eles não tiveram escolha. Simplesmente foram levados aos seus lotes e abandonados à própria sorte. Ficaram instalados em regiões denominadas “frias”, com terras altas entre 300 e 1450 metros acima do nível do mar e com péssimas estradas. Ali, devido ao difícil acesso a outras localidades, permaneceram. Nessas regiões não ocorreram casamentos com outros grupos étnicos, até 1920. Desse maneira, as comunidades mantiveram suas tradições, e a língua pomerana foi falada por todos com muita facilidade. Ainda nessas regiões, podemos encontrar mulheres fazendo balaies de cipó iguais aos que existiam na Pomerânia. Outros costumes como o ritual do quebra-louça, brincadeira do stipei, stipei rei,⁸ torta de Palmito no dia de Páscoa, peito defumado de ganso, vinho de laranja, licor de jabuticaba e sopa doce de pêssego continuaram existindo.

IHU On-Line - Qual o maior legado dos pomeranos? Que elementos culturais eles acrescentaram à cultura brasileira?

6 **Lady Maria Dundas Graham Callcot** (Inglaterra, 20 de fevereiro de 1785 - 1842), mais conhecida no Brasil como Maria Graham, foi uma escritora britânica de literatura de informação e infantil, além de notável pintora, desenhista e ilustradora. Esteve no Brasil em três ocasiões. (Nota da IHU On-Line)

7 **Botocudo**: indígenas que viviam do sul da Bahia ao norte do Espírito Santo. No período das primeiras incursões dos brancos, eram conhecidos pelo apelido de botocudos pelo uso que faziam de acessórios que, aos olhos dos europeus, pareciam exagerados. (Nota da IHU On-Line)

8 Trata-se de uma brincadeira em que os homens pintam o rosto de preto, usam roupas de mulheres, vão de uma casa a outra, pulando cercas, e costumam cutucar vizinhos e amigos com galhos de árvores durante a noite de Páscoa. A brincadeira ainda é praticada em São Lourenço do Sul e Santa Catarina. (Nota da IHU On-Line)

José Carlos Heinemann - Lembramos aqui uma frase do rei da Prússia Frederico II,⁹ que reinou de 1746 a 1786, e que visitou algumas vezes a Pomerânia. Certa vez, lhe perguntaram sobre os pomeranos e ele respondeu: “São bons soldados e excelentes agricultores”.

A experiência desse povo no trabalho junto a terra é milenar. Para comprovar isso, basta visitá-los no Espírito Santo, entre montanhas e vales. Com todos os percalços durante o ano (seca, chuvas fortes, frio, sol escaldante), eles abastecem grandemente outras regiões vizinhas e a capital Vitória.

Ainda no Espírito Santo, destacamos o coro de trombones. Quase em todas as comunidades eclesásticas luteranas há um coro de trombones, não só com a frequência dos mais idosos, mas também formado por jovens. Em Pomerode, Santa Catarina existem as sociedades de tiro ao alvo, onde mantém encontro de famílias também nas atividades lúdicas e de corais.

Em São Lourenço do Sul, principalmente as igrejas luteranas e livres,¹⁰ intensificam o canto coral e a regência. A cada ano, as comunidades de corais se reúnem para três dias de festa musical. Cada um dos corais apresenta seu repertório com canções em português, alemão e do folclore pomerano.

Ensinarmento

Em todas as localidades de pomeranos em que passei, sempre ouvi os antepassados dizendo para os filhos: “A terra sempre será nossa herança maior. É dela que tiramos o nosso sustento e promovemos a prosperidade”.

9 Frederico II da Prússia (1712-1786): foi o terceiro rei na Prússia, entre 1740 e 1786. Recebeu os cognomes de “o Grande” ou “o Único”. Hábil guerreiro e grande administrador, muito contribuiu para criar a grandeza da Prússia. Frederico, o grande, era conhecido como um amante da música, arte e literatura francesa. (Nota da IHU On-Line)

10 Segundo o professor Carmo Thum, em entrevista publicada nesta edição, as comunidades livres pomeranas construíram uma forma institucional religiosa própria e particular. Trata-se de comunidades evangélicas organizadas autonomamente, com organização religiosa e escolar próprias, que não estão ligadas a nenhuma ordem institucional religiosa (sínodo, paróquia, diocese etc.). Nestas, a forma de gestão da vida religiosa e escolar dava-se a partir dos ditames provindos da vida comunitária, onde os moradores escolhiam seus pastores, seus professores e organizam seus rituais a partir de princípios locais/ordinários. (Nota da IHU On-Line)



Frederico II, Rei da Prússia, visitando colonos pomeranos nas plantações de batata em 1763, no Sul da Pomerânia. Produção da artista plástica Adriana Kern, de Novo Hamburgo

IHU On-Line - Como se dava o relacionamento familiar entre eles, na land?

José Carlos Heinemann - Primeiramente predominava o sistema patriarcal. Mas, a partir da segunda geração de pomeranos no Brasil, as mulheres trabalhavam nos “bastidores”. Nos primeiros anos de colonização, elas viram a miséria de muitas famílias e começaram a perguntar: “Quando haverá prosperidade?”. Essas mulheres trabalhavam na lavoura, além de cuidarem da casa e dos filhos. Elas tinham conhecimento dos gastos familiares e sabiam o quanto era difícil juntar dinheiro para tantos compromissos. Por isso, passaram a interferir junto aos seus esposos nos momentos de vender a colheita, por exemplo. Os homens eram responsáveis pelas negociações, mas foram as mulheres, em muitas famílias, que participaram ativamente das decisões.

IHU On-Line - Como os pomeranos são vistos no imaginário social brasileiro e alemão?

José Carlos Heinemann - Para os alemães, os pomeranos são os primos pobres do norte. Já os brasileiros, os viam como um povo isolado, pois eles viveram assim por muito tempo no Espírito Santo. Por outro lado, eram percebidos como um povo trabalhador, e nas festas tradicionais, como a Bodas, eram alegres e divertidos.

IHU On-Line - Quais os principais ensinamentos que a comunidade pomerana repassou aos brasileiros?

José Carlos Heinemann - No documentário *Da Pomerânia a Ibirubá. A saga de um povo*, perguntei ao personagem principal Edgar Gabe, 84 anos: “Que mensagem o senhor deixaria para a comunidade brasileira?”. Ele prontamente respondeu: “A mensagem é curta. Acreditar em Deus e ser honesto”. Já entrevistamos muitos descendentes de pomeranos, e entre eles pessoas com mais de 80 anos. Todos relataram histórias de vida e deixaram um grande legado. As mensagens transmitidas faziam referência à importância de amar a Deus, trabalhar bem aonde se fosse



Grupo de Dança Folclórica Sonnenschein de São Lourenço do Sul com o historiador José Carlos Heinemann

designado, relacionar-se bem com os vizinhos, amar a terra, pois dela veio o sustento, preservar as matas, cuidar dos animais, não maltratar o próximo, e ficar sempre unido às pessoas mais próximas.

IHU On-Line - Além da tradição agrícola, que outras atividades fazem parte da produção comercial pomerana?

José Carlos Heinemann - Caso pudéssemos voltar no tempo, mais precisamente em 1850 na casa dos Knaack em Köslin (hoje cidade de Kosalin, na Polônia), iríamos constatar na cozinha, em volta do fogão, mulheres pomeranas tecendo, costurando e fazendo acolchoados de penas de ganso. Os homens, fora de casa, enfrentavam um ambiente esfumaçado para feitura dos pedaços de peito de ganso defumado. Iguaria nobre que era enviada a outras regiões da província.

Dotes culinários

A Fenadoce de Pelotas também teve uma pequena contribuição dos descendentes de pomeranos.

Os imigrantes que vieram para São Lourenço do Sul, provenientes de Neustettin, Regenwalde, Belgard, além da experiência no trabalho agrícola, eram

exímios fazedores de compotas, frutas secas e cristalizadas, principalmente com o pêssego. No Caminho Pomerano da cidade de São Lourenço do Sul, Frau Grimm ainda faz pêssegos em conserva e secos; a família Klasen apresenta belíssimos arranjos de flores secas.

IHU On-Line - O que a música e os cantos revelam sobre a cultura pomerana e o jeito de ser desse povo?

José Carlos Heinemann - No povoado de Driesen, localizado no sul da Pomerânia, no início do século XIX, havia uma escola de música. Certamente, poucas famílias puderam enviar seus filhos para esse local. Porém, a música fez parte do cenário da vida dos primeiros imigrantes. Quando saíram de seus povoados e nos momentos mais árduos da travessia do oceano Atlântico, cantaram as músicas do folclore da terra natal, e quando deitaram seus filhos para dormir no berço com balanço (*kinavaive*), em terras brasileiras, lembraram antigas cantigas de ninar, lendas camponesas e contos infantis de *Max und Moritz* (escritores pomeranos).

Muitas famílias pomeranas sempre se destacaram pelos dotes musicais. Os Grave, pelo canto coral e regência; os Harckbarth, pela regência e violino; os Hammer e Schroder, pela execução de

músicas pela concertina; os Ristow, por instrumentos de cordas: violão e cítara; os Ludtke, por harmônio, flauta e canto coral; os Leitzke, pelo violino, os Gabe, por bandolin e violino; os Boldt e Potratz, por instrumentos de sopro; os Ratzke, por coral e pistão; os Barth, pelo canto coral e instrumentos de sopro; os Beskow, pelo violino; e os Kerckhoff, pelos instrumentos de sopro.

IHU On-Line - Que traços caracterizam a personalidade da mulher pomerana? Quais as funções desempenhadas por ela nas comunidades livres?

José Carlos Heinemann - A mulher que reside no campo geralmente é quieta, reservada e aparentemente desconfiada. São observadoras, mas muito receptivas quando recebem visitas. Hoje, em todos os lugares, morando no campo ou na cidade, a mulher descendente de pomeranos participa ativamente das decisões familiares. Sabe questionar e sua opinião geralmente é a escolhida pela família.

Graças ao trabalho das mulheres, a língua pomerana ainda é mantida e falada em todos os núcleos de descendentes, no Brasil. Sem elas, a língua já teria sido extinta. Na comunidade participam de encontros de senhoras, estudos bíblicos e ensaios de coral.

IHU On-Line - Quais as práticas de lazer e sociabilidade que compõem o histórico dos pomeranos?

José Carlos Heinemann - Acreditamos que seja a música um forte elemento, pois é na música que o pomerano se descobre. No Espírito Santo, as pessoas costumam contar a história de Hammer, 75 anos, um pomerano que trabalhava no cafezal. Ele passava o dia todo concentrado no trabalho. Ao anoitecer, voltava para casa, lavava-se na água da bica, entrava em casa e de um velho baú tirava a concertina. Depois da janta, conversava com todos e até brincava com os netos, parecendo uma criança.

Em Pomerode, Santa Catarina, as sociedades de canto e tiro são excelentes órgãos de integrações entre as etnias. Hoje em dia, os pomeranos se sentem verdadeiros brasileiros e amam muito essa terra. Mas eles têm uma queixa: os produtos que produzem poderiam ser mais valorizados.

Jacob Rheingantz: a construção de um herói

Eduardo Iepsen avalia a participação de Jacob Rheingantz na construção da comunidade de São Lourenço, e apresenta uma nova versão sobre a historiografia do município

POR PATRICIA FACHIN

Jacob Rheingantz “foi apenas o administrador de um negócio, com seus méritos e problemas, transformado em herói por uma série de autores engajados com causas particulares”, afirma o historiador Eduardo Iepsen, autor da dissertação *Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de um história*. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line ele questiona os feitos do prussiano, reiterados pela historiografia local por mais de um século, e afirma que toda a sociedade precisa de heróis e inimigos, fato que explica a mitologia em torno do personagem. Segundo o pesquisador, as relações entre Rheingantz e os colonos pomeranos não eram nada afáveis. “Isto pode ser comprovado em diversos abaixo-assinados movidos contra a administração Rheingantz e contraria uma longa tradição historiográfica municipal e regional: a primeira, por descrever a relação de Rheingantz com os colonos como ‘quase patriarca’; e a segunda, por apresentar os teutos e seus descendentes como figuras afastadas e desinteressadas dos processos políticos locais”, esclarece.

Iepsen é bacharel em História, pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e mestre em Estudos Históricos Latino-Americanos, pela Unisinos.

IHU On-Line - Quem era Jacob Rheingantz? Onde ele nasceu e como migrou para o Brasil?

Eduardo Iepsen - Jacob Rheingantz nasceu em Sponheim, uma região da Prússia Rhenana, em 9 de agosto de 1817. Antes de chegar ao Brasil, em 1843, já havia migrado outras duas vezes: primeiro para a França em 1839, e em seguida para os Estados Unidos, em 1840. Já estabelecido nas terras brasileiras, mais especificadamente na cidade de Rio Grande, trabalhou por mais de uma década na casa comercial de Guilherme Ziegenbein, que mais tarde viria a ser seu sócio e, também, seu sogro. No final de 1856, Rheingantz abandona esta sociedade e parte para uma outra, ao lado do fazendeiro luso-brasileiro, José Antônio Oliveira Guimarães; a idéia: colonizar a região da Serra dos Tapes, com imigrantes alemães, suíços ou belgas. O contrato é firmado com o Governo Im-

perial, sendo 1440 o número mínimo de colonos que deveriam ser desembarcados para os primeiros cinco anos da empreitada. O “negócio” garantiria aos empresários 20\$000 (vinte mil réis) por cada imigrante entre 5 e 10 anos e 30\$000 (trinta mil) por imigrante entre 10 e 45. Os primeiros imigrantes, num total de 88, chegaram à colônia em janeiro de 1858.

IHU On-Line - Já no Rio Grande do Sul, aliado a Guimarães, como Rheingantz continuou o processo de imigração na colônia de São Lourenço?

Eduardo Iepsen - Embora os pomeranos tenham sido a maioria dos imigrantes que se dirigiram para a Colônia de São Lourenço, também vieram imigrantes de outros estados alemães e outras regiões da Europa. O processo de cooperação se dava entre eles, pois estavam na mesma condição de recém-chegados, onde o estranhamen-

to cultural era uma premissa básica a todos. Geograficamente os imigrantes ocuparam a região da Serra dos Tapes e ficaram isolados dos portugueses e africanos, que ocuparam a zona litorânea de São Lourenço (nesta época, estas regiões estavam situadas dentro dos limites territoriais de Pelotas). Os lotes de terra, geralmente medindo 100 braças (200 metros) de frente, por 1000 braças de fundo eram negociados a valores superiores a 200\$000 (duzentos mil réis). Como as primeiras moradias não ficaram prontas a tempo para abrigar os colonos, foram construídos barracões coletivos. Os imigrantes seguintes passaram a morar com aqueles que já possuíam casas, e os barracões aos poucos perderam sua utilidade. Das reuniões entre Rheingantz e os colonos eram decididas questões relativas à educação, religião e segurança. Acontece que nem tudo transcorria pacificamente entre o diretor e os

colonos. Isto pode ser comprovado em diversos abaixo assinados movidos contra a administração Rheingantz e contrária uma longa tradição historiográfica municipal e regional: a primeira, por descrever a relação de Rheingantz com os colonos como “quase patriarcal”; e a segunda, por apresentar os teutos e seus descendentes como figuras afastadas e desinteressadas dos processos políticos locais.

IHU On-Line - Qual a participação de José Antonio de Oliveira Guimarães, sócio de Jacob Rheingantz, na colonização de São Lourenço do Sul?

Eduardo Iepsen - José Antônio de Oliveira Guimarães foi sócio de Rheingantz durante os primeiros cinco anos do projeto colonizador; é, portanto, co-fundador da colônia. Esta sociedade, no entanto, foi igualmente alvo do esquecimento de alguns autores da história oficial de São Lourenço do Sul (leia-se: Carlos Rheingantz¹ e Vivaldo Coaracy), que preferiram considerar apenas Jacob Rheingantz como o único fundador. Em livros, a importância e a participação de Oliveira Guimarães só foi recuperada por Jairo Scholl Costa,² em 1984. Em jornais, porém, existem registros dessa sociedade desde 1940, quando o periódico *A Tribuna* aproveitou para publicar um apanhado histórico do município. Após o fim da sociedade, Oliveira Guimarães passou a se dedicar ao projeto de povoar a região do porto, onde hoje se localiza a zona urbana de São Lourenço. Na década de 1860, elegeu-se vereador na Câmara de Pelotas. Com a proclamação da República, devido a sua posição republicana, tomou posse como primeiro intendente de São Lourenço.

IHU On-Line - Quais as verdades e in-

1 Carlos Grandmasson Rheingantz (1915-1988): genealogista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

2 Jairo Scholl Costa: advogado, escritor e historiador. Para retratar a saga dos pomeranos, escreveu *Origens históricas de São Lourenço do Sul* (Porto Alegre: Imprensa Corag, 1984), *Navegadores da Lagoa dos Patos: a saga náutica de São Lourenço do Sul* (São Lourenço do Sul: Editora Hofstatter, 1999) e *O pescador de Arenques* (Pelotas: Educat, 2007). Atualmente, é assessor de Cultura em São Lourenço do Sul. Confira, nesta edição, a entrevista “Pomeranos: construtores de um império?”, concedida por Scholl, com exclusividade, à IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

“Um olhar um pouco mais apurado acaba revelando diversas contradições, omissões e deturpações se compararmos os discursos. A relação entre Rheingantz e os colonos, assim como sua atuação heróica e incontestável, deve ser revista, pois o discurso produzido por esta historiografia tem um caráter muito mais ideológico, de manutenção do *status quo*, do que de compromisso com o passado”

verdades em torno da relação entre Jacob Rheingantz e os imigrantes pomeranos que migraram para São Lourenço do Sul?

Eduardo Iepsen - A relação entre Jacob Rheingantz e os colonos que trouxe para a colônia de São Lourenço, a partir de 1858, pode ser descrita de muitas formas, menos de patriarcal, conforme definiu a história oficial de São Lourenço do Sul. Na realidade, esta idéia de “verdades e inverdades” surge a partir da contradição existente nos diversos discursos em torno de Rheingantz, da colônia e de

seus habitantes. Se, por um lado, temos um discurso laudatório que prima pelo enaltecimento incondicional do fundador, facilmente observável na historiografia sul-lourenciana, por outro, temos um diretor altamente contestado, perseguido e acuado, verificado em memórias não oficiais, repassadas de geração a geração, ou, por meio de documentos produzidos pelos próprios colonos.

As imagens de Rheingantz

A história de Jacob Rheingantz e da colônia de São Lourenço começou a ser contada há pouco mais de cem anos (1907), por iniciativa de Carlos Guilherme Rheingantz — seu primogênito — em função das comemorações do cinquentenário de colonização alemã em São Lourenço do Sul. O livro de Carlos Rheingantz tem a intenção de recuperar a memória de Rheingantz, para que “suas obras e seus feitos não caíssem no esquecimento” da população. O autor foi extremamente bem-sucedido em sua missão: não só perpetuou o nome de seu progenitor como “O” tornou fundador de São Lourenço do Sul — esquecendo inclusive de mencionar a sociedade entre Rheingantz e Oliveira Guimarães nos primeiros anos do empreendimento —, como também criou as bases para imortalizar seus feitos: Jacob Rheingantz, enquanto herói é filho de seu filho. Os anos passaram, seguidos por outras obras comemorativas (escritas por Vivaldo Coaracy, em 1957, e por Jairo Scholl Costa, em 1984), igualmente laudatórias. Mas estas fontes não são as únicas disponíveis para se estudar o assunto. Os documentos que atestam essa crise foram produzidos durante quase toda a administração Rheingantz e apontam para uma verdadeira “Guerra Fria” em curso na colônia. De um lado, o diretor acusando os colonos de conspiradores e temendo por sua vida; do outro, colonos questionando a autoridade do empresário, queixando-se de uma série de arbitrariedades e reclamando de sua condição na colônia, segundo eles, semelhante à de escravos. No meio disso tudo, as autoridades provinciais, bombardeadas por queixas dos dois lados.

Rheingantz: herói incontestável?

De 1858, quando a colônia foi fundada, até 1877, quando faleceu, Rheingantz só esteve ausente da sua direção por cerca de dois anos, devido ao que a historiografia intitulou de a “Grande Revolta”. O protesto que reuniu cerca de 200 colonos, culminou com a expulsão da família Rheingantz da colônia, sendo motivado principalmente por promessas não cumpridas, medições errôneas dos lotes de terra e por cobranças abusivas realizadas por Rheingantz (isto segundo os documentos da época). A visão oficial, no entanto, aponta para uma revolta motivada pelo rigor autoritário do Tenente Sá Queirós (enviado pelo governo para substituir o improvisado serviço de segurança, feito pelos colonos) e pela atuação de forasteiros que manipularam os imigrantes para destituir Rheingantz do seu posto de diretor. Afirmam, ainda, que nada foi provado contra ele. Outra “inverdade”, pois as queixas dos colonos eram procedentes. Muitos deles, inclusive, saíram vitoriosos nas ações movidas contra o empresário, sendo ressarcidos dos prejuízos sofridos. Além disso, a influência de “elementos estranhos” deve ser desconsiderada, pois os principais opositores do diretor foram trazidos por ele mesmo e viviam na colônia há alguns anos.

Um olhar um pouco mais apurado acaba revelando diversas contradições, omissões e deturpações se compararmos os discursos. A relação entre Rheingantz e os colonos, assim como sua atuação heróica e incontestável, deve ser revista, pois o discurso produzido por esta historiografia tem um caráter muito mais ideológico, de manutenção do *status quo*, do que de compromisso com o passado. Este tipo de historiografia está muito mais preocupada em criar super-homens, perfeitos e infalíveis, como “O” exemplo a ser seguido, do que admitir que a história é movida por seres humanos, propensos ao erro.

IHU On-Line - Como a história oficial e a figura de Jacob Rheingantz acabaram moldando a conduta da população de São Lourenço?

Eduardo Iepsen - A existência de mitos

de origem, como o caso “Rheingantz” em São Lourenço do Sul — e/ou de um panteão de heróis — é um fenômeno extremamente comum na história de qualquer agrupamento humano. Rheingantz não é um caso isolado, apenas fruto da homenagem de um filho ao seu pai, que foi sendo alimentada, no decorrer dos anos, por escritores que estavam, unicamente, prestando uma homenagem a sua memória e a seus grandes feitos. Estes escritores foram muito além e moldaram, no fundador da colônia, a pessoa imbuída de representar os valores morais almejados para os cidadãos sul-lourencianos.

Partindo do pressuposto de que as representações geram as práticas sociais (o modo de agir), fica clara a importância de Rheingantz, pois se ele serve como modelo para a sociedade, e se suas virtudes são ideais as práticas desta sociedade tendem a seguir seu exemplo. E, como Rheingantz, nestas representações, é honesto, bondoso, ordeiro, pacífico (dentre outras qualidades), garante-se a manutenção do *status quo*, pois é essa postura que se espera dos habitantes de São Lourenço. Agora fica fácil perceber porque tantos fatos do passado foram esquecidos e omitidos — para preservar intacta a imagem do herói que se estava construindo. O mais interessante é que esta historiografia não se limitou a designar exclusivamente as virtudes a serem seguidas pela população; existe também o alerta para o exemplo que deve ser repudiado. E estes “modelos invertidos” são, nada mais, nada menos, que os próprios adversários de Rheingantz. Todo herói necessita de inimigos; mais do que isso, toda sociedade precisa de inimigos. Com o herói, surge o exemplo a ser seguido; com o vilão, o modelo a ser rejeitado. A história oficial cumpre, assim, com sua missão de criar um herói que sirva de modelo para a população local, ao mesmo tempo em que rejeita certas condutas, tipicamente associadas aos anti-heróis, para que este posicionamento seja rechaçado: bêbados, vagabundos, desordeiros, conspiradores e mesmo forasteiros, conforme são descritos os líderes da revolta, não são bem-vindos e bem vistos na “nossa” sociedade ideal. Os “arruaceiros” que

se revoltaram contra a ordem estabelecida (Rheingantz) são o principal exemplo de conduta que não deve ser seguido pelos cidadãos sul-lourencianos. Garante-se, assim, a ordem e a continuidade tão almejadas para manutenção do estado atual das coisas. Este tipo de historiografia, geralmente, representa o poder hegemônico, e se caracteriza por narrar uma versão dos fatos onde cada membro da sociedade pode encontrar seu lugar respectivo. Ou seja, além de forjarem a memória do município, são estes autores que constroem a identidade local.

IHU On-Line - Por que o povo pomerano aceitou a construção mitológica em torno de Jacob Rheingantz? As relações estabelecidas entre o povo e o colonizador eram parecidas com as relações que os pomeranos mantinham na Alemanha com seus “senhores”?

Eduardo Iepsen - Embora a maioria dos sul-lourencianos (entre eles diversos descendentes de pomeranos) tenham uma imagem positiva de Rheingantz, existem redes de comunicação que ainda não foram totalmente englobadas pela visão hegemônica e, nelas, ainda sobrevive uma visão dos fatos um pouco diferente da contada pela história oficial. Lembro, por exemplo, de algumas entrevistas que fiz para a pesquisa, e esse comportamento — de preservar na memória — dos pomeranos era bastante citado por alguns entrevistados, apesar de serem memórias tristes. Claro que isso não é uma regra para toda etnia. O esquecimento é muitas vezes voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos, sendo a melhor arma para não se falar em lembranças traumáticas. Para a história oficial isto seria o ideal.

Existem alguns pesquisadores locais que comparam Rheingantz com um novo senhor feudal; não sei se é procedente, ou não. Mas, analisando as queixas dos colonos uma coisa fica clara: o modo como o diretor administrava a colônia era bastante autoritário. Dentre outras manifestações que os colonos fizeram contra Rheingantz, cabe citar uma carta enviada ao governo prussiano, no ano de 1865, onde os colonos comparam sua situ-

ação com a escravidão e rogam para que fossem libertados dessa condição. Fica a pergunta: a situação na colônia era tão ruim que muitos colonos queriam voltar à Europa? Europa que recém haviam abandonado justamente pela falta de maiores oportunidades? Provavelmente muitos colonos não tenham se adaptado à nova condição de vida na colônia, ainda mais em vista do regime quase opressor com que Rheingantz parece ter administrado seu negócio. Outros, comprovadamente, aproveitaram melhor sua mudança para o Brasil e tiveram um considerável retorno financeiro e pessoal. Mas, até hoje, entre aquela minoria que discorda da visão oficial, existe uma definição bastante recorrente sobre Rheingantz: “explorador de colonos”.

IHU On-Line - Como Jacob Rheingantz se transformou de colonizador a herói e mito?

Eduardo Iepsen - Em suma, Rheingantz foi se tornando herói graças ao interesse do poder estabelecido local em se apropriar de sua imagem como um modelo formador de condutas, afinal, ele apresentava um potencial enorme para tanto. Se observarmos sua trajetória de vida e o modo como ela foi narrada pela história oficial, fica fácil perceber que ele estava apto para servir de arquétipo à sociedade sul-lourenciana: Rheingantz viajou o mundo (ou seja, possui espírito de aventura), fundou uma colônia (é desbravador e pioneiro), trouxe imigrantes para o Brasil (auxiliou seus conterrâneos em um momento difícil), possibilitando-lhes começarem uma vida nova (possui aspirações nobres), tornando-se tutor e conselheiro dos colonos (era muito mais do que o diretor da colônia, transformou-se em pai dos colonos). Por fim, Rheingantz enfrentou uma conspiração contra si, movida por “elementos de fora”, e venceu. Sua vitória não foi selada com um conflito armado ou com vítimas; foi alcançada pelo tempo e pela sabedoria. Tempo, necessário para provar sua inocência. Sabedoria, por saber esperar a hora certa de voltar. O interesse hegemônico neste personagem se refletiu em diversas homenagens: livros, monumentos, ruas, escolas, museu, dentre

**“A história oficial
cumpre, assim, com sua
missão de criar um
herói que sirva de
modelo para a
população local, ao
mesmo tempo em que
rejeita certas condutas,
tipicamente associadas
aos anti-heróis, para
que este
posicionamento seja
rechaçado”**

outros, que levaram o nome de Rheingantz ou tem nele seu foco. Desta forma, esperava-se que o “explorador de colonos” se transformasse no “pai dos colonos”; e só o tempo e as homenagens seriam capazes de proporcionar essa mudança de perspectiva. No entanto, quando houve as primeiras celebrações a Rheingantz, elas não foram vistas com “bons olhos” pelos colonos; em 1908, em função do cinqüentenário de colonização alemã no município, foi dado o primeiro passo: inauguração de monumento, lançamento do livro de Carlos Rheingantz e transferência dos restos mortais de Jacob Rheingantz, do Rio Grande para a Coxilha do Barão, no interior de São Lourenço. Este último fato, inclusive, é mencionado pela história oficial. O que não é mencionado, porém, é a recepção que Rheingantz teve ao chegar à colônia. Segundo a memória herdada de uma entrevistada, o cortejo foi acompanhado por uma chuva de pedras e ovos, pois muitos colonos não queriam que ele fosse enterrado em São Lourenço. Apesar dessa manifestação contrária ao sepultamento

do fundador, a solenidade ocorreu e os festejos prosseguiram. Rheingantz havia falecido há apenas trinta anos, e as lembranças de sua administração ainda eram muito recentes. Aos poucos, porém, o passado foi sendo esquecido e ele passou a ser quase uma unanimidade dentro do município. As homenagens se sucederam e a história foi sendo reescrita. No início deste ano, foi comemorado o sesquicentenário de colonização alemã no município, e as homenagens ao fundador (e agora, também, ao seu sócio José Antônio de Oliveira Guimarães) continuaram ocorrendo.

IHU On-Line - Qual a influência e participação do jornal *Voz do Sul* na construção do mito em trono da figura de Jacob?

Eduardo Iepsen - *Voz do Sul*, jornal que circulou em São Lourenço do Sul durante 1948 e 1964, se interessou por Rheingantz especialmente em função do centenário de colonização alemã, que se realizaria no ano de 1958. Um ano antes, Vivaldo Coaracy³ já havia lançado o livro *A colônia de São Lourenço do Sul e seu fundador Jacob Rheingantz*, em função destas comemorações. Além de “*Voz do Sul*” ser uma fonte valiosa no que tange aos seus discursos sobre Rheingantz (“homenagem de gratidão à memória imorrível” (sic) do Barão Jacob Rheingantz, a grandiosidade da sua secular obra que todos os lourencianos festejam, aclamando o seu benemérito nome, como um batalhador dos mais eficientes da expansão colonial germânica. Encarnado pelo cérebro e pelo coração, a figura do Barão Jacob Rheingantz, como pioneiro.”), também serve como fonte para a análise da referida comemoração, pois a cada edição anunciava novidades sobre os preparativos do evento: inauguração de monumento, recepção a autoridades estaduais e nacionais, missas católica e protestante, churrasco, confecção de selo comemorativo, concurso para escolha da Rainha do centenário (por meio de votação popular), cunhagem de moedas comemorativas, programação

³ Vivaldo Coaracy (1882-1967): foi um engenheiro, jornalista e escritor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

na rádio local com palestras referentes aos festejos e, dentre outras, uma “homenagem” do próprio jornal, que por ocasião das solenidades iria lançar uma edição especial. Assim, o jornal pode ser considerado tão importante (pelo menos na época em que circulou) quanto a historiografia, no que se refere ao enaltecimento de Rheingantz, com uma vantagem para o periódico em questão: sua maior circulação entre a população local. *Voz do Sul* honrava com muita razão o *slogan* que carregava em sua capa: “órgão dos interesses locais”.

IHU On-Line - Como você define a figura de Jacob Rheingantz?

Eduardo Iepsen - Eu procuro pensar Rheingantz enquanto ser humano, despido da capa de super-herói. Naturalmente que ele foi extremamente importante para o município de São Lourenço do Sul. Sua importância não pode ser negada. Porém, ela também não pode ser exagerada. Diversos fatos da história local foram apagados para que Rheingantz fosse preservado. Inúmeros colonos que foram explorados e que lutaram por seus direitos, contra a ordem estabelecida, foram chamados de baderneiros e arruaceiros, para que o nome de Rheingantz não fosse maculado. Quando iniciei este trabalho, só enxergava dois extremos: um que apontava para os grandes feitos do fundador; e outro que dava conta de um ser tirano que explorava os colonos. Depois de muito tempo, percebi que Rheingantz não era nem um, nem outro; nem herói, nem vilão. Ele foi apenas o administrador de um negócio, com seus méritos e com seus problemas, transformado em herói por uma série de autores engajados com causas particulares. Após entender isto, ficou muito mais fácil enxergar o homem por trás do mito. Além disso, percebi que a crítica deveria ser dirigida para os autores desta historiografia, e não para o seu objeto. Ao analisarmos a construção oficial em torno de Rheingantz, não estaremos vendo o diretor da Colônia de São Lourenço; estaremos, isto sim, observando uma representação idealizada de um homem que, na verdade, nunca existiu, mas que atende às necessidades do poder estabelecido.

Triglaw: a proteção pomerana

A história dos pomeranos é marcada por mil anos de guerras, submissão e destruição da sua própria cultura, assinala o teólogo Wilhelm Wachholz

POR PATRICIA FACHIN

Além de um passado caracterizado pelo servilismo, outras particularidades distinguem os pomeranos dos seus conterrâneos alemães. Estas se destacam através da religião, assegura o teólogo Wilhelm Wachholz. Rituais sagrados, como o batismo, o casamento e a morte, estão impregnados de crenças pagãs cultuadas há séculos pelos pomeranos. “A cultura pomerana guarda elementos do que podemos denominar de pré-modernidade”, na qual “a religião repassa toda a vida”, afirma o pesquisador. Entre as diferenças, ele chama a atenção para o batismo, que na cultura pomerana também tem o sentido de proteção contra a feitiçaria. “Um exemplo evidente da distância que pode haver entre a compreensão de batismo pela Igreja ou pelo pomerano está no ‘Patenzettel’ (bilhete dos padrinhos)”. E explica: “Havia a praxe de os padrinhos entregarem, logo após a celebração do batismo, um envelope ao afilhado ou afilhada, onde se colocava sementes de cereais, pêlos de animais, agulha e linha, farelo de pão e um pouco de terra. O sentido disso era o desejo de boas colheitas, sorte com animais e vestimenta, votos de fartura e terras produtivas, respectivamente”.

Na entrevista que segue, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, Wachholz resgata aspectos históricos da sociabilidade pomerana na Europa e as transformações sofridas em terras brasileiras, devido ao projeto de nacionalização do Governo Vargas. Além disso, descreve as práticas populares que estão interligadas ao estilo de vida pomerano.

Wilhelm Wachholz é graduado e doutor em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST). Coordenador Geral dos Programas de Pós-Graduação em Teologia da EST, Wachholz é docente na mesma universidade e secretário-geral da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE).

IHU On-Line - Como o senhor classifica a situação política e social da Pomerânia, antes da unificação da Alemanha? Como os pomeranos viviam naquele contexto?

Wilhelm Wachholz - O povo pomerano tem uma história de cerca de mil anos de guerras, submissão a conquistadores estrangeiros e de destruição de sua própria cultura. Localizada na região do Mar Báltico, a Pomerânia foi um território disputado desde o século X por governantes poloneses, dinamarqueses, saxões, brandenburgenses. Culturalmente, a influência eslava foi muito importante sobre os pomeranos. A cristianização dos pomeranos data aproximadamente o ano de 1168. Em 1534, a Pomerânia se tornaria luterana, razão pela qual a maioria dos pomeranos são, atualmente, luteranos, especialmente membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e, em menor número, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e Igrejas Luteranas Livres (neste caso, especialmente no sul do Rio Grande do Sul).

Outra marca deste povo é que, após relativa liberdade associada ao as-

sentamento na Pomerânia, a partir do século XVII, paulatinamente o povo é transformado em servo, ou seja, escravo, sem direitos, doando sua mão-de-obra em troca de alimento. Quando da reconfiguração do mapa da Europa na segunda metade do século XIX, ocorreu nova série de conflitos até a relativa paz depois da unificação dos territórios alemães em 1871. Ainda assim, a unificação alemã significou para este povo integrar uma nação com identidades culturais bastante distintas da sua própria identidade. Além disso, produziu desemprego e refugiados políticos. A falta de moradias, crise econômica e fome foram efeitos colaterais. As ondas emigratórias, particularmente de pomeranos para o Brasil, deveram-se à busca de sobrevivência destas massas populacionais. Finalmente, após a Segunda Guerra Mundial, quando a região foi ocupada por tropas soviéticas, realizou-se uma profunda “limpeza étnica”, desalojando-se cerca de dois milhões de pomeranos e incorporando-se cerca de 70% da área geográfica da Pomerânia à Polônia.

IHU On-Line - Como ocorreu o processo de colonização e sociabilização dos pomeranos, ao chegarem ao Brasil?

Wilhelm Wachholz - Os pomeranos foram assentados especialmente em regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Em alguns lugares, como por exemplo, em São Lourenço do Sul e no Espírito Santo, podemos encontrar grupos bastante homogêneos. Particularmente, defendendo a tese de que não se pode afirmar que os pomeranos, inclusive aqueles assentados em colônias de imigrantes preponderantemente pomeranos, viveram isolados de outras culturas. É claro que não se pode falar de contatos destas populações de forma retilínea em todos os tempos. Os precários meios de comunicação do século XIX falam por si o quanto eram difíceis os contatos com “os de fora”. Ainda assim, as inúmeras narrativas descrevendo a importância da “não contaminação” com “os de fora” não podem ser lidas simplesmente como ausência do contato com os diferentes, mas não raramente a constatação que este contato ocorria.

IHU On-Line - Que influências e mutações a identidade pomerana sofreu, em terras brasileiras?

Wilhelm Wachholz - É muito difícil identificar todas as mutações na identidade pomerana. Contudo, o caminho em busca desta resposta não pode desconhecer a questão da língua pomerana (o *Plattdeutsch*). Tanto a escola quanto a Igreja, cuja língua predominante foi o alto alemão, até por volta da Segunda Guerra Mundial, quanto as políticas de nacionalização por parte do Estado, que impôs a língua portuguesa aos imigrantes e seus descendentes, são fatores fundamentais a serem considerados. Como tal, a língua portuguesa representa para o pomerano duas grandezas opostas: a possibilidade de integração com a cultura brasileira, mas também sempre um pouco da negação de sua cultura anterior. Isso faz parte do próprio caráter identitário que se processa como “perdas e ganhos”. Neste sentido, escola, Igreja e Estado visam à homogeneização cultural. Esta homogeneização nunca é alcançável plenamente, mas certamente provoca transformações mais ou menos perceptíveis numa cultura. Por outro lado, as tentativas de homogeneização também provocam o efeito contrário, ou seja, a reafirmação dos “valores regionais” de um grupo étnico.

IHU On-Line - Com a chegada dos alemães nas colônias brasileiras, foi organizada uma cultura religiosa baseada na estrutura eclesiástica. Como os pomeranos, adeptos de crenças pagãs, lidaram com a religião pré-estabelecida?

Wilhelm Wachholz - Como referimos anteriormente, a cristianização dos pomeranos data do século XII. Até então, todas as populações localizadas na região do vale do rio Elba e do Mar Báltico realizavam cultos a divindades ligadas à natureza. Estas divindades previam resultados de guerras, colheitas etc. O deus do povo pomerano Triglaw tinha esta função. Quando da cristianização, elementos da religiosidade pagã continuaram sob formas cristãs. Assim por exemplo, cultos a espíritos da natureza e das matas não são estranhos entre os pomeranos.

Chamou-me a atenção a fala de um aluno ao constatar que os pomeranos evitam desmatar toda a propriedade. Procuram preservar pelo menos um canto de mata, para que os espíritos maus tenham o seu lugar e não invadam o espaço dos humanos.

Como podemos perceber, a religiosidade de um povo, particularmente do pomerano, é bastante complexa. Aquilo que pode ser considerado uma contradição por parte de um teólogo, padre ou pastor, para muitas pessoas ou grupos religiosos pode ser harmonizado.

Além disso, no caso dos pomeranos no Brasil, como dos imigrantes alemães de forma geral, a assistência religiosa através de pastores formados em seminários e universidades da Europa foi bastante tardia. Além disso, o número de pastores era bastante pequeno para assistir aos pomeranos religiosamente, a exemplo do que ocorreu com o catolicismo no período do Brasil Colonial e Imperial. Diante disso, a religiosidade, em particular dos pomeranos, foi sendo vivida sem pastor, sob as bases trazidas da Pomerânia e das adaptações feitas no Brasil.

Um exemplo sobre como a compreensão da religiosidade adquiria outra dinâmica na vida dos pomeranos pode ser o batismo. Enquanto em Lutero¹ o batismo é compreendido como libertação e aceitação de Deus como filhos de Deus, na cultura pomerana o batismo também pode ter sentido de proteção contra feitiçaria. Um exemplo evidente da distância que pode haver entre a compreensão de batismo pela Igreja ou pelo pomerano está no “*Patenzettel*” (bilhete dos padrinhos). Havia a praxe de os padrinhos entregarem, logo após a celebração do Batismo, um envelope ao afilhado ou afilhada, onde se colocava sementes de cereais, pêlos de animais, agulha e linha, farelo de pão e um pouco de terra. O sentido disso era o desejo de boas colheitas, sorte com animais e vestimenta, votos

¹ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. (Nota da IHU On-Line)

de fartura e terras produtivas, respectivamente. Em alguns lugares ainda é assim que se passa estes envelopes na boca da criança, sendo em seguida abertos, sob votos de que a criança aprenda a falar logo. Em torno do batismo existe também a praxe bastante difundida segundo a qual se considera a água utilizada para a celebração, remédio ou proteção diante de doenças. Por isso, tem-se o costume de guardar a água para tais situações.

IHU On-Line - Qual a importância do batismo na vida dos pomeranos? De que maneira essa celebração projeta ou planeja a vida dos recém-nascidos?

Wilhelm Wachholz - O batismo é o primeiro rito eclesiástico na vida dos pomeranos. A importância deste rito é profunda e precisa ser compreendida, a exemplo de outras culturas, no contexto de fragilidade da vida. A mortalidade infantil sempre foi muito grande entre as populações no Brasil. Isso vale também para pomeranos, tanto ainda na Pomerânia quanto posteriormente. Acreditava-se que uma criança que morria sem o batismo não era salva. Desta realidade, os assim chamados “batismos de emergência” se tornaram uma prática bastante conhecida entre os pomeranos. Ante a iminência da morte de uma criança, o pastor era chamado para officiar o batismo. Neste caso, a batismo representa uma segurança para a vida no além.

IHU On-Line - Na tradição pomerana, o convite do casamento é feito pelo irmão caçula da noiva. Qual o papel desse personagem na constituição desse acontecimento social? O que o casamento representa para a comunidade pomerana?

Wilhelm Wachholz - O casamento é um dos ritos de caráter social mais importantes da cultura pomerana. Por isso, a fartura de alimentos e bebida pode ser uma característica. As festas de casamento geralmente duram três dias. O grande número de convidados tem como objetivo a reafirmação dos laços de parentesco e amizade entre familiares e vizinhos. O convidador, que vai de casa em casa realizar o convite para o casamento cerca de um mês antes, é o irmão

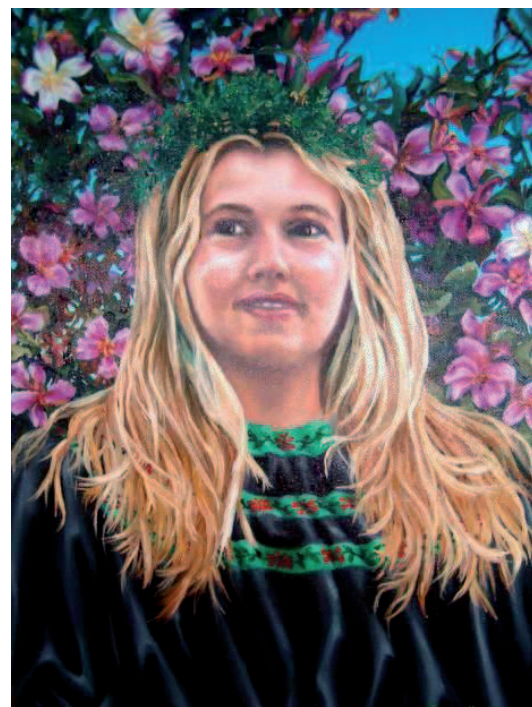
solteiro do noivo ou da noiva. Ele provoca alvoroço no caminho por onde passa, de forma que não passa despercebido. Em língua pomerana, ele recita o convite na sala da família a ser convidada. Após o convite, oferece um gole de cachaça. O aceite da bebida e uma gorjeta é sinônimo de confirmação da presença na festa. Em sinal de agradecimento, a dona da casa prega uma fita colorida nas costas da camisa do convidador como forma de agradecimento. Portanto, o papel dele pode ser considerado como aquele que vai iniciar a “costura” dos laços entre todos que se encontrarão na festa do casamento.

IHU On-Line - Qual o significado do vestido preto nos casamentos pomeranos?

Wilhelm Wachholz - Existem interpretações completamente opostas em torno do uso do vestido preto pelas noivas pomeranas por ocasião do casamento. Há quem diga se relacionar com os riscos decorrentes do parto. Neste caso, preto é cor do luto, lembrando que casamento, maternidade e morte estão estreitamente relacionadas. Há também aqueles que acreditam que o preto representa a morte social da noiva, ou seja, a separação dela de sua família e o ingresso em outra. Finalmente, há também quem afirme ser esta a roupa mais acessível da época. Seja como for, normalmente a noiva se vestia de preto, com uma fita verde na cintura e uma grinalda de murta, costume trazido da Pomerânia e cultivado também no Brasil.

IHU On-Line - Como os pomeranos lidam com a morte? O que os rituais fúnebres e cemitérios deles revelam sobre a fé e as crenças desse povo?

Wilhelm Wachholz - Podemos encontrar vários ritos na cultura pomerana em torno da morte e do sepultamento. Logo após a morte de uma pessoa, por exemplo, pode-se verificar o rito de abrir as janelas para que a alma não encontre obstáculos no caminho ao céu. Então se ora, canta-se e fecham-se os olhos e a boca da pessoa falecida para que não atraia uma pessoa viva para junto de si. O relógio, comumente na parede ou em algum canto da casa, é parado no horário em



As noivas pomeranas usavam vestido preto no casamento. Esse modelo veio da Ilha de Rügen, hoje pertencente a Alemanha. No início da colonização, as noivas no Espírito Santo usaram esse modelo com bordados no peitoral. Obra da artista plástica Janaína Alves



Convidador de casamento. Na tradição pomerana não há convite impresso. O irmão da noiva ou seu primo convidavam todos os moradores da região. Obra de Janaína Alves

que ocorreu a morte. Os espelhos são encobertos como forma de inutilizar o poder do diabo. Depois de banhada, a pessoa falecida é vestida com mortalha branca ou a “roupa de domingo” (a melhor roupa que ela dispunha) e sapatos. As mulheres solteiras falecidas são vestidas com roupas de casamento. Quando se trata de uma criança, brinquedos são colocados no caixão como forma simbolizar sossego na eternidade.

IHU On-Line - Qual o significado e o simbolismo religioso das festas pomeranas?

Wilhelm Wachholz - A cultura pomerana guarda elementos do que podemos denominar de pré-modernidade. Na pré-modernidade, a religião repassa toda a vida. Na modernidade, a religião fica circunscrita à vida particular; separa-se entre religião e vida secular, entre Igreja e Estado. Na pré-modernidade, contudo, a religião faz parte de todos os ritos cotidianos do ser humano. Chuva, sol, pesca, plantação, colheita, nascimentos, mortes são ritualizados. É, por assim dizer, a naturalização do divino, do sagrado. O povo pomerano, tanto na antiga Pomerânia quanto em terras brasileiras, continuou muito ligado “às coisas da terra”, ou seja, no meio rural. Neste meio, continuaram cultivando e ressignificando tradições, caracterizadas pela naturalização do divino.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Wilhelm Wachholz - Parece-me sempre importante lembrar que identidades culturais são, em primeiro lugar, dinâmicas, ou seja, nunca são estáticas. Uma cultura não é, mas sempre está a caminho. Não é diferente com cultura pomerana. Por isso, o cientista precisa se dar conta que o pomerano é sempre mais do que aquilo que ele procura. Os recortes, delimitações, classificações, caracterizações que o cientista realiza nunca comportam a identidade como um todo. Toda cultura é parte daquilo que o cientista verbaliza. Além disso, toda cultura não é homogênea, tendo, portanto, também variantes. Finalmente, as características de uma cultura num determinado tempo podem não dizer mais a mesma coisa num outro tempo.

Silenciados pela hegemonia alemã

Segundo o pesquisador Carmo Thum, a cultura pomerana foi reinventada no Brasil, onde sofreu forte influência política e religiosa

POR PATRICIA FACHIN

“Os pomeranos há muito tempo são considerados ‘menos’ no jogo de forças culturais. No mundo medieval, vivenciaram uma situação de servidão de longo prazo. Na Modernidade, permaneceram ligados ao mundo camponês, ao trabalho agrícola”, avalia o historiador Carmo Thum, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line** desta semana. No Brasil, o sentimento de inferioridade permaneceu, e a germanização cultural dos pomeranos esteve, segundo o pesquisador, diretamente atrelada às institucionalizações política e religiosa. “A presença de pastores e professores alemães nas comunidades pomeranas foi um dos elementos mais significativos nesse processo”, argumenta. E dispara: “O modo de ser alemão socialmente aceito pelo imaginário coletivo como modo superior influenciou muito as perspectivas pomeranas no Sul do Brasil”.

Nas terras de Serra dos Tapes, no Rio Grande do Sul, a situação de servidão exercida na Pomerania no século XIX se repetiu. Com pouca participação política nas colônias alemães, os pomeranos “sempre foram representados. A ação política deles restringia-se nos domínios da comunidade”, comenta Thum, que em seguida reitera: “A voz dos pomeranos não foi pronunciada e, nos casos em que aconteceu, não foi ouvida, porque era silenciada pelas estruturas locais de poder, que na maioria das vezes estavam nas mãos de imigrantes alemães”. Além de sofrerem impactos culturais de seus conterrâneos, as crenças religiosas desse povo também foram criticadas e desvalorizadas, com o intuito de retirar-lhes a autoridade. “A decisão de se ter um pastor próprio da comunidade, que escolhia entre os seus um representante para assumir a tarefa dos ritos religiosos e educativos da comunidade foi vista pelas organizações germânicas do Brasil como algo sem fundamento, sem valor, e esses pastores foram denominados de ‘pseudo-pastores’, ‘pastores-colonos’”, explica.

Carmo Thum é graduado em Pedagogia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e mestre em Educação, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor assistente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Thum está cursando doutorado em Educação na Unisinos.



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Como se deu o processo de germanização cultural dos pomeranos?

Carmo Thum - Houve diferentes movimentos germanizadores. Um dos momentos mais expressivos desse processo foi a cristianização dos pomeranos no século XI, onde a Segunda Cruzada¹ teve papel fundamental. Porém esse processo não aconteceu somente no mundo Europeu. Os pomeranos, vivendo por muito tempo sob o jugo dos germânicos, política e religiosamente, imigraram para diversas partes do mundo e, no Brasil sofreram uma nova situação de germanização devido à situação de imigrantes. Identificavam-se os imigrantes na sua condição de estrangeiros nas terras da América, e fazer parte de um grupo era desejo de muitos que para cá imigraram. Assim, a cultura alemã hegemônica novamente agiu sobre o mundo cultural pomerano, agora no Brasil, germanizando a maior parte dos costumes e ritos advindos da cultura pagã pomerana. É necessário lembrar que o paganismo só passa a ser visto com preconceito a partir da institucionalização das igrejas. Antes disso, a religiosidade dos grupos humanos seguia rituais específicos a cada grupo. Mesmo assim, muitas das práticas religiosas advindas da cultura eslava estavam (estão) presentes entre os pomeranos, e foram aqui reinventadas. Contudo, a institucionalização política e religiosa exerceu forte impacto para a germanização cultural deles no Brasil. A presença de pastores e professores alemães nas comunidades pomeranas foi um dos elementos mais significativos nesse processo. O modo de ser alemão socialmente aceito pelo imaginário coletivo como modo superior influenciou muito as perspectivas pomeranas no

Sul do Brasil. Influenciou, mas não eliminou a cultura desse povo. Ela está presente em vários momentos da vida cotidiana.

IHU On-Line - O senhor disse que há um silenciamento da cultura pomerana por parte da ideologia hegemônica da cultura alemã. A que atribuiu essa “negação” ou “diminuição” por parte dos imigrantes alemães?

Carmo Thum - Na disputa das verdades políticas, há grupos que alcançam um grau de estrutura organizativa capaz de produzir um discurso homogeneizador das diferenças culturais. O silenciamento da cultura pomerana sofre essa ação homogeneizadora. Os pomeranos há muito tempo são considerados “menos” no jogo de forças culturais. No mundo medieval, vivenciaram uma situação de servidão de longo prazo. Na Modernidade, permaneceram ligados ao mundo camponês, ao trabalho agrícola. O urbano tem como contraposto o rural. O ideário moderno apresenta a cidade como a possibilidade de progresso.

No caso dos imigrantes da Serra dos Tapes, a busca por lavradores pomeranos se deu a partir da necessidade de arregimentar um grupo humano acostumado à submissão e ao trabalho agrícola. De outro lado, também temos a constatação de que eles apresentaram incipiente ação política. No jogo de forças políticas sempre foram representados. A ação política deles restringia-se nos domínios da comunidade. Portanto, a voz dos pomeranos não foi pronunciada e, nos casos em que aconteceu, não foi ouvida, porque era silenciada pelas estruturas locais de poder, que na maioria das vezes estavam nas mãos de imigrantes alemães. Os detentores dos espaços de comunicação com o mundo externo eram os donos das “vendas”. Eles eram os que dialogavam com o mundo externo à comunidade, eles falavam uma “língua” considerada “língua fina”, e os pomeranos falavam um dialeto. Isto está sendo questionado hoje! Quem afirma ser a língua pomerana um dialeto? A cultura hegemônica alemã. O Pomerano é a língua de grande parte dos imigrantes, que são camponeses, lavradores rurais. Essa

disputa de valor cultural vem de longo prazo e é visível em muitos grupos. A cultura do silêncio para Paulo Freire² é justamente essa situação: “impossibilidade de homens e mulheres dizerem sua palavra, de atuarem como agentes políticos, sem condições de interferirem na realidade, geralmente uma situação opressora e desvinculada da sua própria cultura” (Osowski, 2008, p. 110).³

IHU On-Line - Por que, dentro do arranjo mundial das culturas, o senhor considera a pomerana uma das fugidias?

Carmo Thum - Mesmo sendo reinventada no jogo das relações culturais, o modo de ser pomerano persiste em várias práticas. Perceber essas práticas requer perspicácia e envolvimento. Com as inúmeras situações em que sofreram o processo de dominação cultural, os pomeranos aprenderam a codificar sua cultura em rituais que se assemelham a cultura dominante, mas que na verdade significam coisas diferentes (ao grupo pomerano) daquilo que é percebido pelos demais. Fugidia porque não toma forma pública, não disputa politicamente espaços e poder, fruto de um processo na qual ela aprendeu a resistir a processos de opressão e exclusão.

IHU On-Line - De que maneira os referenciais de trabalho e as relações de poder estabelecidos entre os pomeranos na Alemanha influenciaram no modo de vida e na organização do município de São Lourenço do Sul?

Carmo Thum - Relata a historiografia

² Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 17ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogia da esperança*. (Nota da IHU On-Line)

³ A citação de Osowski encontra-se no *Dicionário Paulo Freire*, organizado pelo Prof. Dr. Danilo Streck, da Unisinos. (Nota da IHU On-Line)

¹ Segunda Cruzada (1147-1149): durante a Idade Média aconteceram as Cruzadas. Esse movimento surgiu na Europa Ocidental e tinha como objetivo reconquistar a Terra Santa (Jerusalém, Belém, Nazaré) que estava em poder dos muçulmanos. A Segunda Cruzada foi convocada pelo papa Eugênio III, em 1144. Um exército com mais de 200 mil homens foram a Jerusalém para reforçar a presença cristã na Terra Santa. Os soldados não resistiram à pressão dos muçulmanos, e em 1187, Saladino, sultão do Egito, reconquistou Jerusalém, provocando grande apreensão na Europa, o que motivou a Terceira Cruzada. (Nota da IHU On-Line)

“No caso dos imigrantes da Serra dos Tapes, a busca por lavradores pomeranos se deu a partir da necessidade de arregimentar um grupo humano acostumado à submissão e ao trabalho agrícola”

que os pomeranos, de longo prazo, estão submetidos à cultura hegemônica alemã, tanto no que diz respeito ao gerenciamento da vida política quanto ao gerenciamento da vida religiosa. Essa situação de servidão repetiu-se na Serra dos Tapes. Aos pomeranos, o trabalho da terra; aos outros, o comércio e a vida pública. Observamos esses elementos presentes até hoje.

A decisão de se ter um pastor próprio da comunidade, que escolhia entre os seus um representante para assumir a tarefa dos ritos religiosos e educativos da comunidade, foi vista pelas organizações germânicas do Brasil como algo sem fundamento, sem valor, e esses pastores foram denominados de “pseudo-pastores”, “pastores-colonos”, destituindo-os de seu fazer e retirando o valor de seu saber, retiravam deles a autoridade. Valor de verdade somente aos pastores formados, vindos da Alemanha. Essa perspectiva representou a cultura dominante. Ao longo de quase meio século, as comunidades organizaram suas estruturas e formas de relação. Quando da criação de Instituições gerais, com perspectivas diferenciadas das dos pomeranos, as suas formas de ser foram consideradas como “temporárias”.

Na atualidade, esses aspectos estão sendo percebidos. Muitas vivências nas práticas religiosas dos pomeranos aparecem aos poucos nas pesquisas que têm o cuidado de não julgar e, com isso, possibilitar a visibilidade de narrativas sobre experiências significativas vividas até hoje por famílias pomeranas, no interior do Brasil.

IHU On-Line - Se os pomeranos não se reconhecem como alemães, como acontece o reconhecimento nacional desses povos?

Carmo Thum - Por mais sujeição que

os pomeranos tenham sofrido historicamente, existem sempre situações e possibilidades de consciência identitária. Esse movimento vem tomando corpo dentro do movimento contemporâneo do respeito à diversidade cultural. Os pomeranos estão em franco processo de reinvenção e de luta pela dignidade cultural. No âmbito brasileiro, buscam o reconhecimento de povo tradicional. Aqui no Rio Grande do Sul, o movimento ainda é modesto, mas já há uma Portaria Estadual para criar um Comitê Estadual sobre a questão pomerana, e espera-se que sejam realmente executadas e caminhem para institucionalizarem-se como políticas públicas. Existem organizações civis atuando junto ao mundo pomerano, no sentido do resgate da memória, da interpretação dos movimentos históricos com vistas à produção de um presente-futuro alicerçados nos interesses e perspectivas dos pomeranos. Como exemplo, cito o Caso do CEPPAD (Centro de Educação Popular, Pesquisa, Assessoria e Documentação), que vem atuando desde 2004 junto às comunidades pomeranas no Sul do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Como ocorreu o processo de construção das comunidades livres pomeranas? Como o senhor as descreve?

Carmo Thum - A presença de comunidades que construíram uma forma institucional religiosa própria e particular é um precedente histórico localizado, dado a sua singularidade. Ela acontece com mais forças entre os pomeranos, e é entre eles que permanece viva. Trata-se de comunidades evangélicas organizadas autonomamente, com organização religiosa e escolar próprias, que não estão ligadas a nenhuma ordem institucional religiosa (sínodo, paróquia, diocese etc.). Nestas, a forma de gestão da vida religiosa e

escolar dava-se a partir dos ditames provindos da vida comunitária, onde os moradores escolhem seus pastores, seus professores e organizam seus rituais a partir de princípios locais/ordinários. Esse processo ocorreu devido o isolamento vivido pelas comunidades pomeranas no sul do Sul, e tiveram como elementos reforçadores desta prática: a) a incapacidade de diálogo dos pastores alemães para com a comunidade pomerana; b) a rebeldia das comunidades aos ditames dos pastores alemães, que arbitrariamente desejavam condicionar às práticas religiosas locais aos preceitos da Igreja luterana alemã; e c) a tradição pagã pomerana, com suas práticas e rituais mágicos permanecendo vivas na forma de ser, mesmo após a violenta cristianização sofrida desde o século XII.

Autonomia nas comunidades livres

Sabe-se que o cristianismo não aceita práticas ritualísticas de cunho animista. A religiosidade pomerana, constituída a partir de noções advindas do mundo da natureza, resiste a abandonar determinadas formas de compreensão de mundo e de práticas de cura milenares que têm como substrato a concepção de mundo originada na cultura eslava/wende. Dado às práticas corriqueiras do cristianismo em aniquilar e destituir de verdade outras formas religiosas de ser, os pomeranos, que na Alemanha sofriam com a intervenção do Estado Germânico, ao imigrarem para o Brasil e aqui serem abandonados à própria sorte, acabaram por construir uma nova versão de organização religiosa. Estas formas, que persistem até hoje no Sul do Rio Grande do Sul, foram violentamente difamadas no processo de construção sinodal (entre 1864 e 1920), fato esse que aprofundou as cisões existentes entre os grupos particulares.

Práticas de constituição de um modo religioso autônomo não são bem vistas pelas instituições hegemônicas. Destituir o pastor local, através de uma ação de questionamento de sua moral, de seu conhecimento e de sua autoridade teológica, são formas muito eficazes de combater as iniciativas comunitárias autônomas. Normalmente, as instituições tendem a expandir seus “poderes” para um universo maior, extrapolando seu

contexto e utilizando para tanto algumas estratégias de destituição da verdade do outro. Essa foi uma das formas utilizadas para questionar a autoridade dos pastores-colonos, que, por não serem “formados”, não teriam competência para tal ofício.

IHU On-Line - Os pomeranos são conhecidos por acreditarem em várias crenças pagãs, além de manterem objetos como amuletos, anéis, crucifixos, ao mesmo tempo em que se consideravam luteranos. Isso gera algum constrangimento com a Igreja Luterana (IELB, IECLB e as Livres)? Como se dá a relação entre ambos?

Carmo Thum - Gera constrangimentos com certeza. Há relatos de que o pastor não aceitava determinadas práticas costumeiras das comunidades pomeranas, tais como “guardar a água do batismo”, “derrubar as cadeiras e os bancos que sustentavam o caixão”, usar o “hilmesbrief”⁴ como forma de proteção, benzer a criança em determinadas situações. Muitos foram os casos em que os membros de uma comunidade resolveram afastar-se devido à intransigência do pastor (formado) para com os costumes locais. No que se refere à morte e seus rituais, percebe-se perfeitamente a apropriação dos símbolos pagãos pela Igreja e alteração de seus significados.

Na atualidade, há a presença de diferentes organizações religiosas evangélicas luteranas, que convivem no mesmo espaço. Houve um tempo de conflito aberto, o que hoje já está em fase de superação.

IHU On-Line - Como tem sido difundida a cultura pomerana entre os jovens descendentes? Como eles interpretam a cultura local?

Carmo Thum - O processo de investigação, de reavivamento da memória e de interpretação da cultura está sendo realizado através de ações culturais de pesquisa e intervenção junto às comunidades interessadas, com a participação da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG) e do CEPAD. Nos antecederam nessa ação outras instituições e pesquisadores, em especial os ligados a Faculdades EST/IEPG e onde alguns estudos

⁴ Hilmesbrief: são cartas, manuscritos utilizados como forma de proteção. (Nota da IHU On-Line)

“A religiosidade pomerana, constituída a partir de noções advindas do mundo da natureza, resiste a abandonar determinadas formas de compreensão de mundo e de práticas de cura milenares, que têm como substrato a concepção de mundo originada na cultura eslava/wende”

foram realizados e se transformaram em obras de referência, assim também como outras universidades (PPGE/Unisinos e PPGE/UFPel e UFF) que realizaram incursões nesse campo. Destaco a obra *Educação Popular e Teologia das Margens* (São Leopoldo: Sinodal, 2003), de Edla Eggert,⁵ que busca analisar o papel da mulher na vida comunitária-religiosa.

Esse movimento permite um espelhamento da cultura pomerana entre os pomeranos, o que os leva a refletir sobre as perspectivas atuais e futuras das comunidades diante do contexto da glo-

⁵ Edla Eggert: pedagoga graduada pela União das Escolas Unidas do Planalto Catarinense (Uniplac), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo com a tese *Educação-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita)*. Em 14-08-2003, Eggert apresentou o IHU Idéias, intitulado “Pomeranas, parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular”, e em 6 de março daquele ano o IHU Idéias “História da participação das mulheres: desafios e impasses”. Na ocasião, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, a professora Eggert, junto com a professora Clair Ribeiro Ziebell, refletiu sobre a questão de gênero. O texto desta apresentação foi publicado nos *Cadernos IHU Idéias* nº 2, *O feminismo ou os feminismos: uma leitura das produções teóricas*. Em 08-03-2005, Eggert palestrou no Quarta com Cultura Unisinos – IHU Debate com o tema “Mulheres e homens na produção de um ser humano mais humano – um olhar pedagógico e teológico”. Em 08-03-2007, apresentou o IHU Idéias “Frida Kahlo, as mulheres e a solidariedade que se estabelece pela dor”. É autora de *Educação popular e teologia das margens* (São Leopoldo: Sinodal, 2003). Em parceria com outros pesquisadores, organizou a obra *A graça do mundo transforma Deus* (Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2006). Na edição 227, de 09-07-2007, concedeu a entrevista “A crítica de Frida à violência naturalizada contra as mulheres”. Todas as publicações estão disponíveis para download no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

balização. Através de eventos de pesquisa, de momentos de interpretação e de exposições de objetos/histórias de vida os jovens, as crianças e os adultos envolvem-se numa ação reinventiva da cultura local, tendo como substrato o passado. Em várias comunidades estão nascendo intenções de emancipação cultural e política. Espaços de memória estão sendo planejados no conjunto da comunidade. Parte dessas ações é desenvolvida a partir do projeto de extensão “História, Memória e Educação”.

IHU On-Line - Nas sessões de coleta de cultura material e imaterial realizada nas escolas, que objeto ou história mais lhe chamou atenção em relação à cultura pomerana?

Carmo Thum - Várias foram as histórias narradas. Como exemplo dessas narrativas temos a história da fabricação dos tijolos e a do folguedo do *Stüpa*.⁶ No primeiro caso, a vida cotidiana busca encontrar formas de produzir artesanalmente os tijolos para a construção das casas e para tal necessita de um número razoável de pessoas, em especial na hora da “queima no forno”. Chamam-se os vizinhos para participarem desse processo que dura a noite toda. No folguedo do *Stüpa*, o processo da brincadeira, da cantoria, da festa é fortemente marcado pelos laços comunitários em situação de êxtase. No mundo da cultura material, a presença do “hilmesbrief” é um elemento muito intrigante. O ritual dos casamentos, a presença até por volta de 1960 do vestido preto, indica a forte presença da cultura pomerana nos espaços pesquisados.

⁶ Folguedo do *Stüpa*: folguedo popular pomerano realizado na véspera da Páscoa. (Nota da IHU On-Line)

Há entre os pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada

Está ficando mais difícil falar dos pomeranos como uma cultura distinta. Suas concepções de mundo “não estão muito distantes da dos demais brasileiros”, constata Martin Dreher

POR PATRICIA FACHIN

Com o intuito de moldar os pomeranos que acreditavam na deusa da fertilidade, Ostera, a Igreja Luterana tentou inserir nas comunidades a tradição religiosa, mas entre os pomeranos de São Lourenço do Sul e Pelotas, a Igreja Territorial não foi aceita. Segundo o historiador Martin Dreher, eles “não negaram suas raízes luteranas, mas não quiseram a Igreja de estrutura episcopal. Optaram por modelo congregacional”. Para essa Igreja local, explica, escolheram pastores do próprio meio, seguindo a tradição de batismo como ordenação do cristão.

Além de uma posição peculiar no que se refere à religião, “há entre os pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada”, ressaltava o pesquisador, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Embora essa seja uma prática comum entre os imigrantes e já tenha se passado 150 anos da imigração, os pomeranos consideram que o “o ser humano vive para trabalhar; não trabalha para viver”, explica.

Dreher, que é professor e pesquisador no PPG em História da Unisinos, possui graduação em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), e doutorado em Teologia com Concentração em História da Igreja, pela Ludwig Maximilian Universität München. Recentemente, o professor da Unisinos organizou, juntamente com os pesquisadores Imgart Grützmann e J. Feldens, o livro *A imigração alemã no Rio Grande do Sul. Recortes* (São Leopoldo: Oikos, 2008). Além desse, Dreher publicou outras obras, dentre as quais destacamos *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja* (Porto Alegre, São Leopoldo: EST, Sinodal, 1998), *História do povo luterano* (São Leopoldo: Sinodal, 2005) e *A Igreja no Mundo Medieval* (São Leopoldo: Sinodal, 2005).

IHU On-Line - Como o senhor avalia o processo de migração dos pomeranos para a região de São Lourenço do Sul?

Martin Dreher - A colônia de São Lourenço do Sul é implantada no mesmo período em que estão surgindo colônias semelhantes no Brasil. Lembro de Santa Cruz do Sul, Blumenau e Domingos Martins e Santa Leopoldina no Espírito Santo. Para estas colônias, vêm grandes contingentes de pomeranos. A Pomerânia foi a última das regiões alemãs em que foi eliminada a servidão da gleba. Ali também foi promovida a reforma agrária pelas autoridades prussianas. Os ex-servos receberam terras, mas não tinham meios de produção, e a reforma agrária terminou em fracasso. Houve maior concentra-

ção de terras nas mãos dos latifundiários, e aos servos nada mais restou a não ser a emigração. Isso explica o grande contingente de pomeranos que veio ao Brasil.

IHU On-Line - Mas o processo de migração dos alemães que vieram para o Sul em 1824 e dos pomeranos que vieram posteriormente foi diferente? Em que sentido?

Martin Dreher - Em 1824, temos uma situação social. Estamos sofrendo o final da Era Napoleônica. Há muitos soldados desincorporados, sem trabalho. Como os produtos ingleses industrializados invadem o continente europeu, os artesãos alemães não conseguem concorrer, aumenta o número de pobres, mendigos, vadios. A falta de tra-

balho tem leitura moralizante: “Quem é pobre é porque não quer trabalhar!”. As Casas de Correção se enchem. Nelas, os pobres devem aprender a trabalhar. Muitos dos que vêm em 1824 são egressos das Casas de Correção ou pessoas que, devido a suas condições sociais, estão prestes a nelas entrar.

Em 1850 a situação é outra. A industrialização e as crises na indústria alemã estão gerando contingentes de desempregados. Há transformações na estrutura agrária. Sobra gente no campo e elimina-se a servidão da gleba no Leste alemão. Mas, antes e agora, existe gente sobrando. Os que sobram em 1850 já sofreram o impacto das revoluções liberais de 1848, receberam outra formação escolar, fizeram outros aprendizados técnicos. Por isso, são

distintos daqueles que vieram antes da Revolução Farroupilha (1835-1845).

IHU On-Line - Como o modelo feudal a que os pomeranos estavam submetidos na Alemanha influenciou o estilo de vida deles nas colônias de São Lourenço do Sul e Pelotas?

Martin Dreher - Servos são pessoas muito sofridas, pois estão constantemente submetidos aos desmandos dos senhores. Os pomeranos experimentaram isso de muitas maneiras. Eram explorados física e espiritualmente. Especialmente as mulheres experimentavam a exploração, pois aos senhores estava reservado o “direito à primeira noite” (*ius prima nox*). Os pastores luteranos eram empregados dos senhores e, não raro, os servos viam o pastor ser surrado ao desobedecer ao senhor. Por outro lado, os pastores eram porta-vozes desses patrões. Para passar o senhor para trás, os namorados, com a convivência dos pais, tinham relações sexuais pré-matrimoniais, o que levou a que a gravidez pré-matrimonial fosse estigmatizada e estigmatizada a mulher. A noiva grávida não poderia usar véu ou grinalda. Caso a gravidez fosse ocultada, os noivos seriam publicamente repreendidos no culto da comunidade. No Brasil, experimentou-se liberdade. Essa liberdade manteve relações pré-matrimoniais, mas não como regra. Ocasionalmente, os colonos bateram no pastor: agora eles eram os “senhores”. Finalmente, não quiseram se submeter a uma Igreja Territorial organizada, como a conheciam na Alemanha. Não negaram suas raízes luteranas, mas não quiseram a Igreja de estrutura episcopal. Optaram pelo modelo congregacional: Igreja é comunidade local. Para essa Igreja local, escolheram pastores do próprio meio, seguindo a tradição do batismo como ordenação do cristão.

IHU On-Line - Como os pomeranos se relacionaram com os imigrantes alemães que já estavam instalados no Brasil?

Martin Dreher - Aqui é bom dizer que, entre os imigrantes alemães, há pomeranos desde 1824. Sempre houve imigração pomerana. A partir da década de 1850, passamos a receber con-

tingentes expressivamente maiores de pomeranos, pelos motivos acima apresentados. Também é bom que se lembre que, antes de 1871, não vem imigrantes “alemães” para o Brasil. Todos são súditos de estados independentes. São badenses, bávaros, hamburgueses, prussianos, oldenburgueses, hanoverianos, westfalianos etc. Aos poucos, vão ser identificados pelo meio como “alemães” e, eles próprios vão se assumindo como tais. De modo geral, as relações entre esses diferentes “alemães” foram boas.

“Servos são pessoas muito sofridas, pois constantemente submetidas aos desmandos dos senhores. Os pomeranos experimentaram isso de muitas maneiras. Eram explorados física e espiritualmente”

IHU On-Line - Qual a contribuição dos pomeranos para o desenvolvimento social e econômico dos municípios de Pelotas e São Lourenço do Sul?

Martin Dreher - Os imigrantes que se estabeleceram em terras do então município de Pelotas e que eram majoritariamente pomeranos dedicaram-se à agricultura e às mais diferentes formas de artesanato. Sua produção logo gerou excedentes que contribuíram para o crescimento de cidades como Pelotas e Rio Grande.

IHU On-Line - Os pomeranos sempre primaram pela tradição. Eles tinham o mesmo sentimento em relação à educação?

Martin Dreher - Como súditos do estado prussiano, os pomeranos vinham de região, na qual havia obrigatoriedade de ensino desde meados do século XVII. Essa tradição foi mantida. Até 1919, pode-se contabilizar um total de 81 escolas na colônia. Todas elas são escolas comunitárias. Sua contribuição não deveria ser minimizada. A ela se deve forte tradição de que lugar de criança é na escola e um baixíssimo índice de analfabetos. Em 1922, em São Lourenço do Sul, de 209 noivos, 158 eram alfabetizados; de 209 noivas, 149 eram alfabetizadas. Esses dados são tanto mais importantes se comparados ao fato de que no município de Torres havia então 90% de analfabetos.

IHU On-Line - Que aspectos da cultura pomerana os distingue dos conterrâneos alemães?

Martin Dreher - Cada grupo humano tem algumas características especiais. Elas provocam pequenas características distintas. O aspecto que talvez mais distingua, no passado, os pomeranos das tradições de outros grupos, foram as práticas ligadas às festas de casamento. Antes de ser marcada a data do casamento, um representante do rapaz, seus pais ou ele próprio pedia licença para que o casamento acontecesse. Marcada a data, era estabelecido contato com o pastor, contratada uma cozinheira, banda de música. Havia a figura de um *Hochzeitsbitter*, que ficava encarregado de realizar convites em nome do casal. A cavalo ia à casa do convidado, e anunciava o convite formulado com versos e rimas. Na prática, toda a colônia acabava convidada, pois de alguma forma todos estavam envolvidos. Daí também a importância da contratação de uma cozinheira ou de as vizinhas assumirem os preparativos. No dia do casamento, os noivos dirigiam-se pela manhã à igreja. O noivo vestia terno, a noiva veste de gala preta e grinalda branca. A roupa de ambos continuaria a ser utilizada em todas as ocasiões solenes de que viessem a participar no futuro. Na ceia do casamento, se comia sopa com massa fina, assado de carne de gado e de porco com chucrute e batatas, então leitão, assado de galinha, peru e ganso e, fi-

nalmente, ensopado de galinha com massa e pêssego. Depois, havia música e dança. No baile, dava-se destaque às cozinheiras ou vizinhos que se haviam empenhado pelo êxito da festa. À tarde, servia-se café e cucas.

Mas há também características distintivas menores: há pequenos detalhes que tornam seus cemitérios distintos dos cemitérios de outras colônias alemãs. Verdade é que em todas as regiões de imigração alemã os cemitérios são locais de preservação da memória comunal. Nas regiões de São Lourenço do Sul e Pelotas, há um distintivo: os epitáfios estão inscritos em quadros de porcelana que são afixados na pedra tumular.

Houve, também, a tradição de pintarem suas casas com as cores da bandeira pomerana. Os gansos são parte integrante de sua culinária. Seu dialeto é único, mas pode ser perfeitamente entendido pelos westfalianos.

IHU On-Line - No que se refere ao funeral, como os pomeranos celebravam a morte? O que os diferencia dos demais alemães, nesse sentido?

Martin Dreher - A morte é instante de dor para todas as pessoas. Ai não há diferenças. Quanto ao ritual propriamente dito, os pomeranos seguiam o ritual da Igreja Luterana, não se distinguindo dos demais alemães. Também entre eles, o canto era muito importante. Nas localidades em que havia coral, este acompanhava com cânticos, na casa mortuária e no cemitério, a despedida da família ao falecido. Em geral, um ano após o sepultamento, a pedra tumular era inaugurada. No último domingo do ano eclesiástico, o domingo antes do primeiro domingo de advento, havia visita aos cemitérios: era o domingo da eternidade. Aos poucos, sob influência do catolicismo dominante, a visita aos cemitérios passou a acontecer em 2 de novembro, finados.

IHU On-Line - A crença luterana dos pomeranos é diferente da dos luteranos alemães? Qual a representação que a Igreja Luterana e a figura do pastor possuem junto à comunidade pomerana?

Martin Dreher - Fundamentalmente

não há diferença na doutrina. As diferenças sempre aparecem nas práticas populares. Na Pomerânia, originaram-se as chamadas “cartas celestes”, cartas que teriam caído do céu e que devem ser copiadas literalmente e entregues, anonimamente, a determinado número de pessoas. Quem não o fizer vai sofrer malefícios. Depois, sempre houve crença em bruxas. O torcicolo sempre foi “tiro de bruxa”. No entanto, a Igreja Luterana moldou essas populações. O peculiar da região de Pelotas e de São Lourenço foi o modelo congregacional de igreja, optando os colonos por eleger pessoas de seu próprio meio, as quais foram incumbidas com funções pastorais. Uma vez eleito, o pastor passa a ser pessoa investida de autoridade, mas isso não significa que não possa ser questionado, também no tocante ao que está a ensinar.

IHU On-Line - Como os pomeranos convivem com a religião luterana e as crenças pagãs? O senhor acredita que a partir dessas duas crenças, eles criaram um “estilo” de religião peculiar e independente?

Martin Dreher - O ser humano é sincrético. Por isso, não há religião pura. Sempre que há conversão, permanecem concepções anteriores. Da tradição agrícola, os pomeranos herdaram a tradição de, no dia do batismo da criança, dar-lhe envelope com sementes ou pequeno travesseiro em que estas sementes estão costuradas. São votos de prosperidade e de fertilidade. Antes de se tornarem cristãos, adoravam Ostara, divindade da fertilidade, cujo símbolo maior é o ovo. Hoje todos os alemães celebram Ostern=Páscoa, como festa da ressurreição de Cristo, mas o nome de Ostara permaneceu. Permaneceu também o ovo. Entremetidos, assumiram tradições que vêm das muitas culturas que formam o povo brasileiro. Por isso, eu não diria que os pomeranos criaram estilo de religião peculiar. No fundo, cada ser humano é peculiar.

IHU On-Line - Como o senhor define a visão de mundo dos pomeranos? O que eles pensam sobre a vida, a morte, o trabalho e a família?

Martin Dreher - É cada vez mais difícil falar “do” pomerano nestes aspectos. O estudo de André Droogers¹ sobre o assunto mostra que suas concepções não estão muito distantes das dos demais brasileiros. Durante muito tempo, a morte esteve, para eles, integrada à vida. Hoje sofrem das mesmas influências que fizeram com que sexo não fosse mais tabu, mas que morte passasse a ser tabu. No meio rural, crianças pomeranas ainda vêem avós morrerem em casa, mas isso não é mais regra. Elas participam mais de velórios do que crianças do meio urbano. A modernidade, contudo, vai alterando tradições rapidamente. Há entre pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada: o ser humano vive para trabalhar; não trabalha para viver. Mas esta não é uma característica só deles. É característica de migrantes. Migrantes só são aceitos enquanto forem força de trabalho importante. Por isso, matam-se no trabalho, precisam mostrar que são “laboriosos”. Quando houver falta de trabalho passam a ser alienígenas que tiram o trabalho “dos da terra”. É certo que já se passaram 150 anos, mas há questões que ficam na cultura de um povo e estão “debaixo da pele”.

Sua família sempre foi patriarcal, mas a mulher foi, como escreveu um pastor que durante longos anos atuou em Arroio do Padre/RS, o “pontinho da balança”, o fiel da balança. Os filhos devem obediência aos pais. Na atualidade, a modernidade também se faz presente e as coisas vão mudando. A História não para no tempo.

IHU On-Line - Os pomeranos são conhecidos também pelo jeito reservado que possuem. Como o senhor descreve a sociabilidade entre eles, nas comunidades livres?

Martin Dreher - O pomerano é reservado em relação ao adventício. É bom cuidar, ele poderia ser representante do senhor feudal! Quando, porém, verificar que o adventício é “gente boa” e “sério”, não há mais relação fria. Todos são altamente sociáveis.

¹ André Droogers: antropólogo holandês, professor da Universidade Livre de Amsterdam e ex-professor da Escola Superior de Teologia, de São Leopoldo. (Nota da IHU On-Line)

Magia e religião: heranças de outro mundo

Pomeranos convivem em harmonia com as crenças pagãs e religiosas, avalia Joana Bahia

POR PATRICIA FACHIN

Os pomeranos “se identificam mais com a região da qual saíram no século passado do que com a própria idéia de estado alemão”, afirma a professora e doutora em Antropologia Social Joana Bahia, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ela, a Igreja Luterana sempre esteve presente na comunidade, estabelecendo “canais de comunicação entre o meio rural e a cidade, entre o ser pomerano e o ser alemão”, mas os rituais de bruxaria e benzedeira também permaneceram ativos na cultura desse povo. “Eles se utilizam da língua alemã com a língua sagrada, na qual veiculam seus saberes e visões sobre o mundo em que vivem e trabalham, marcando sua identidade tanto camponesa quanto alemã”, explica.

Embora mantenham traços e heranças da Pomerania, a socióloga diz que atualmente muitos pais preferem “que seus filhos falem mais o português devido aos sentimentos de humilhação e vergonha que vivenciaram em situações formais na cidade”. Segundo a pesquisadora, eles temem que o mesmo aconteça com seus filhos. E acrescenta: “Entre os pomeranos, a língua portuguesa não é apenas uma língua de prestígio; para muitos é sinônimo de ascensão social e de diferenciação entre aqueles que permaneceram na roça e aqueles que foram para a cidade.”

Joana Bahia possui graduação em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia e Antropologia e doutorado em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sobre o estilo de vida dos pomeranos, desenvolveu a tese intitulada “*O tiro da bruxa*”. *Identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do estado do Espírito Santo* (2002).

IHU On-Line - Qual a relevância da cultura camponesa pomerana na construção da identidade dos habitantes do Espírito Santo?

Joana Bahia - O estado do Espírito Santo é um mosaico composto por distintos grupos de imigrantes (alemães, italianos e libaneses) e por outros tipos populacionais como os grupos indígenas e descendentes de quilombolas. Neste sentido, o estado tem uma diversidade de influências em sua cultura, não sendo apenas influenciado por imigrantes de origem alemã. Esta possui importância pelos elementos simbólicos e pelas marcas culturais que imprimiram nas cidades e locais do país aonde se estabeleceram.

IHU On-Line - A Igreja sempre foi vista como um ponto central de socia-

bilidade entre os pomeranos. Qual a importância da religião na construção da identidade étnica e social desse povo? E qual a função e relação do pastor junto à comunidade?

Joana Bahia - Grande parte destes imigrantes chegaram antes da unificação da Alemanha em 1870, logo o sentido de nacionalidade alemã é pensado a partir do uso da língua alemã pela religiosidade luterana. A Igreja Luterana é quem viabiliza melhor este sentimento de germanidade através do uso do alemão oficial.

A igreja tanto quanto seu pastor são elementos mediadores na comunidade, isto é, estabelecem canais de comunicação entre o meio rural e a cidade, entre o ser pomerano e o ser alemão. São ativos nas causas e problemas da comunidade e têm forte

presença de autoridade nas mesmas.

IHU On-Line - Ao mesmo tempo em que seguem a religião luterana, os pomeranos apresentam crenças próprias como os credos em magia e bruxaria. Como os aspectos religiosos convivem com as práticas de magia, bruxaria, benzeção?

Joana Bahia - Toda cultura camponesa possui elementos mágicos que são metáforas que possibilitam a releitura dos problemas e questões do mundo (a exemplo temos a fome, divisão da herança, divisão das terras, problemas na colheita). Estas metáforas são construções elaboradas que mesclam de modo refinado crenças religiosas com a releitura do mundo religioso oficial. No caso dos pomeranos, eles se utilizam da língua alemã com a língua sa-

grada, na qual veiculam seus saberes e visões sobre o mundo em que vivem e trabalham, marcando sua identidade tanto camponesa quanto alemã. Nesse sentido, eles se identificam mais com a região da qual saíram no século passado do que com a própria idéia de estado alemão.

A reelaboração mágica do mundo é uma forma de interpretação dos problemas e conflitos do mundo real. Não é um atributo pomerano, mas algo presente em várias culturas no mundo.

IHU On-Line - Quais são os principais ritos de passagem que compõe a cultura pomerana? Qual a importância do “elemento mágico” na constituição desses ritos?

Joana Bahia - Os ritos de passagem são as transições para novas etapas da vida, são processos de mudança de *status* na sociedade. Momentos em que as pessoas adquirem novos papéis. Dentre destes, destaco a importância do nascimento, batismo, casamento e da morte. O rito de passagem que mais se destacava quando fiz meu trabalho de campo foi o casamento. Este é bastante importante para a reprodução social do modo de vida camponês de origem alemã. No casamento, também se discute a divisão de herança, construção de novas unidades de produção e consumo, novas perspectivas de continuidade da vida camponesa e da identidade alemã. Os ritos mágicos praticados no casamento são essencialmente para darem “boa sorte”, ou seja, para afastarem tudo o que ameace a continuidade da existência do próprio grupo.

IHU On-Line Como se estabelecem as relações entre homens e mulheres pomeranos na *land*? Quais os critérios estabelecidos para a divisão de tarefas?

Joana Bahia - Chamo a atenção para o fato de haver uma diferença no uso das três línguas entre as mulheres e os homens. As mulheres, em sua maioria, são bilíngües em relação aos homens. Elas falam com maior frequência o pomerano e o alemão. O uso da língua portuguesa vai depender do grau de escolaridade.

A divisão social do trabalho no campo e os valores de transmissão da ger-

manidade atribuem diferentes papéis sociais para os homens e as mulheres. Cabe às mulheres o domínio do espaço da casa, da família e da educação dos filhos e aos homens o espaço de circulação entre a casa, o mercado e o comércio. Conseqüentemente, os homens são trilingües, uma vez que circulam pelos espaços sociais, nos quais são utilizadas as várias línguas.

Além das diferenças no uso das três línguas entre homens e mulheres, há diferenças entre as gerações. Os descendentes das primeiras gerações dominam com mais frequência a língua alemã do que os pomeranos das últimas gerações. As circunstâncias históricas da imigração e a imposição do uso da língua alemã pela Igreja Luterana foram fatores determinantes para o domínio da língua alta entre os descendentes dos primeiros imigrantes.

Atualmente, a última geração de descendentes fala o pomerano e o português. Somente no âmbito dos cultos da Igreja é repetido o alemão, após o ensino das palavras e sua pronúncia pelo pastor. A maioria dos descendentes não compreende o culto em alemão, por não mais dominarem a língua.

IHU On-Line - Quais as transformações no uso da língua pomerana entre as gerações? Hoje os jovens ainda têm interesse em cultivar a língua de seus descendentes?

Joana Bahia - O grupo investigado expressa-se, cotidianamente, em três línguas: português, alemão e pomerano, cada uma delas acionada em diferentes situações sociais.

A língua portuguesa é usada nas situações formais como nas questões de cidadania, no ensino escolar, nas instituições locais (prefeitura, fórum, casas comerciais e bancos), com relativa frequência no atual ensino confirmatório e para demarcar a diferença entre pomerano e brasileiro. Sua frequência é maior na sede da colônia do que na zona rural, e seu uso mais comum entre os jovens do que entre as gerações mais antigas. Lembro que o uso crescente da língua portuguesa se deu de fato no momento da Campanha de Nacionalização implantada pelo Governo de Getúlio Vargas¹ nos anos

de 1938 a 1945. Neste período, houve repressão à publicação e ao ensino na língua alemã, proibição de falar outra língua em público, fechamento de instituições e associações comunitárias e culturais, perseguição aos membros das igrejas luteranas e destruição de propriedades. Muitos pastores foram presos e proibidos de atuarem em suas atividades religiosas.

Chamo a atenção para a forma de pronúncia e elaboração da língua portuguesa, que na sua expressão oral obedece à lógica da língua pomerana e muitas vezes da língua alemã. Isto está bastante presente no uso do radical dos verbos em português, mas que são conjugados na lógica e com a terminação dos verbos na gramática pomerana e alemã. Os jornais e publicações veiculados pela Igreja Luterana, assim como pela *Missouri*, são escritos em português, porém reservam espaço para cartas. Em geral, estas cartas são escritas em pomerano e em alemão. Ambas as lógicas das línguas são mescladas, fato que leva a uma tradução bastante difícil se não for feita com ajuda de membros da comunidade que operem bem as duas línguas.

O pomerano é usado entre pomeranos, tanto da cidade quanto do campo, sendo mais freqüente na zona rural, na intimidade da família, dos amigos, nas situações-limite de conflito social (luta

sidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional “A Era Vargas em Questão – 1954-2004”, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, no Espaço Cultural do IHU. A revista *IHU On-Line* publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 06-09-2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU Idéias “Getúlio, 50 anos depois”. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Idéias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar os *Cadernos IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no sítio (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

¹ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi pre-

pelos recursos e acesso à terra entre parentes e vizinhos), como nas acusações de bruxaria e, principalmente, nas práticas mágicas (tais como benzeções) que demarcam os ritos de passagem como o nascimento, o casamento e a morte dos membros da comunidade.

A língua é também utilizada pelos homens como estratégia nas negociações de venda de seus produtos agrícolas no mercado público (Ceasa) como uma “língua secreta” a fim de alertar seus familiares e vizinhos sobre casos de exploração ou a possibilidade de realização de um mau negócio. Seu uso é mais freqüente do que o das outras duas línguas, especialmente nas áreas mais distantes da sede da colônia.

Seu aprendizado é familiar, sendo a mulher responsável pela transmissão da lógica da língua pomerana e da alemã para as crianças. Quando estas ingressam na escola, já aprenderam a língua pomerana, fato que ocasiona uma série de conflitos no interior do sistema escolar. Muitas professoras reprimem o uso do pomerano, mas em sua maioria tiveram de aprender um pouco da língua para que pudessem dar continuidade ao seu trabalho na escola.

Opção pelo português

Muitos jovens, freqüentadores da escola primária, falam tanto o pomerano quanto a língua portuguesa, mas, apesar deste fato, eles preferem falar com maior freqüência esta última. O português é considerado uma língua de maior prestígio, sendo de maior domínio das esferas formais e nos meios de comunicação.

Muitos pais justificam o fato de preferirem que seus filhos falem mais o português devido aos sentimentos de humilhação e vergonha que vivenciaram em situações formais na cidade. Muitos temem que a mesma situação ocorra com seus filhos. Os jovens também relatam as dificuldades de não saberem falar o português no cotidiano e criticam a excessiva ênfase na língua alemã na esfera religiosa. Entre os pomeranos, a língua portuguesa não é apenas uma língua de prestígio; para muitos, é sinônimo de ascensão social e de diferenciação entre aqueles que permaneceram na roça e aqueles que foram para a cidade.

Pomeranos: construtores de um império?

Jairo Scholl Costa avalia a influência pomerana no desenvolvimento de São Lourenço do Sul

POR PATRICIA FACHIN

“A Colônia de São Lourenço do Sul somente foi um sucesso como colônia agrícola devido à participação dos imigrantes pomeranos, que representaram 89% de todos os imigrantes que foram para lá.” A avaliação é do historiador Jairo Scholl Costa, residente no município de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ele relembra a trajetória desse povo no estado e destaca as características pomeranas ainda existentes município.

“O isolamento em que os pomeranos viviam desapareceu, e há uma grande integração com a cidade, já que houve um deslocamento deles para a área urbana”, descreve. Nas comunidades da região, conta, ainda é “praticado o Stiepen, quando homens pintam o rosto de preto, usam roupas de mulheres, vão de uma casa a outra pulando cercas e costumam cutucar vizinhos e amigos com galhos de árvores durante à noite de Páscoa”.

Jairo Scholl é graduado em Direito, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e realiza estudos na área de história. Para retratar a saga dos pomeranos, escreveu *Origens históricas de São Lourenço do Sul* (Porto Alegre: Imprensa Corag, 1984), *Navegadores da Lagoa dos Patos: a saga náutica de São Lourenço do Sul* (São Lourenço do Sul: Editora Hofstatter, 1999) e *O pescador de Arenques* (Pelotas: Educat, 2007). Atualmente, é assessor de Cultura em São Lourenço do Sul.



Divulgação

IHU On-Line - Entre as características do povo pomerano, destaca-se a personalidade retraída e a desconfiança com estranhos. Esses sentimentos estão relacionados de alguma maneira com o estilo de vida que os imigrantes mantinham na Pomerânia?

Jairo Scholl Costa - A história da Pomerânia é uma longa e penosa sucessão de ocupações estrangeiras. O povo pomerano tornou-se arreado ao que lhe era estranho, pois a aproximação de estrangeiros via de regra implicava em lhes tirar algo. O pomerano tornou-se silencioso, era um modo de vida que visava não atrair a ira dos poderosos que dominavam seu país e assim podiam preservar os poucos bens que lhes restavam.

IHU On-Line - Os pomeranos chegaram ao Brasil 30 anos depois dos outros imigrantes alemães. Como ocorreu o processo de sociabilização entre eles?

Jairo Scholl Costa - Os pomeranos tiveram sua interação facilitada com outras etnias germânicas, devido em grande parte à religião luterana, pois a vida religiosa envolvia a vida comunitária, e isto proporcionou uma melhor integração dos pomeranos com outros alemães.

IHU On-Line - O que diferencia os pomeranos dos outros alemães no que se refere à religião e a estrutura eclesiástica? Como eles conciliam a religião luterana com os credos e hábitos pagãos?

Jairo Scholl Costa - Os pomeranos em sua maioria são luteranos. E, devido a sua natureza, são conservadores, muito apegados à tradição, e isto se manifestou dentro do próprio luteranismo, quando o rei Frederico Guilherme III¹ desejou “unir” a Igreja Reformada e a Igreja Luterana. Os pomeranos reagiram fortemente no sentido de manterem “os ensinamentos puros” de Martinho Lutero em contraposição à “nova agenda de Ofícios Religiosos”. Um outro aspecto dos pomeranos é que muitos deles conservam ainda credos e hábitos pagãos, que são herança dos wendes. Para esse povo que é a raiz do pomerano, a natureza tinha uma vida secreta, e isto povoou há séculos o imaginário pomerano e daí advêm muitas superstições, havendo sempre uma fórmula mágica não escrita, por exemplo, para a cura de um doente ou para obter sucesso nas colheitas. Aparentemente, o pomerano não vê nisso uma contradição com o luteranismo, pois estas manifestações pré-cristãs dos wendes acabaram sendo cristianizadas, e as infelicidades debitadas ao diabo.

IHU On-Line - Como caracteriza a cozinha dos pomeranos? O que eles revelam sobre seu estilo e a valorização da sua cultura?

Jairo Scholl Costa - A culinária pomerana

1 Frederico Guilherme III (1770-1840): rei da Prússia entre 1797 e 1840. Embora Frederico Guilherme e seus conselheiros tentassem manter a Prússia neutra durante as Guerras Napoleônicas, as provocações de Napoleão Bonaparte forçaram-na a declarar guerra à França em outubro de 1806. Na Batalha de Jena, os franceses derrotaram o exército prussiano de maneira decisiva, o que levou a família real a refugiar-se na Prússia Oriental, onde ficou à mercê do Imperador Alexandre I da Rússia. (Nota da IHU On-Line)

“Muitos pomeranos conservam ainda credos e hábitos pagãos, que são herança dos wendes”

na durante séculos foi calcada no peixes, especialmente os arenques, o que tornou os pomeranos um povo notável na arte da pesca. Isto somente mudou quando foi introduzida a batata inglesa trazida da América. Neste momento da história, os pomeranos se dedicaram a plantá-la e se tornaram *experts* em seu cultivo, o que gerou mudanças na sua cultura, pois eles passaram a fazer da batata um componente indispensável na sua dieta, criando novos pratos que se conciliavam com os laticínios e derivados de suínos por ele produzido. Os pomeranos se identificam como um povo de pescadores e lavradores bem sucedidos, e isto é uma marca de sua cultura.

IHU On-Line - Qual é a contribuição dos imigrantes pomeranos para a consolidação da colônia de São Lourenço, no Rio Grande do Sul?

Jairo Scholl Costa - A Colônia de São Lourenço somente foi um sucesso como colônia agrícola devido à participação dos imigrantes pomeranos, que representaram 89% de todos os imigrantes que foram para lá. Homens e mulheres afeitos aos trabalhos rudes e difíceis, os pomeranos superaram grandes adversidades e transformaram a Colônia de São Lourenço na maior produtora de batata inglesa do Brasil num determinado momento histórico, fator que foi decisivo para consolidação da colônia e conseqüentemente para a criação do município de São Lourenço do Sul.

IHU On-Line - Como vivem os descendentes de pomeranos na Colônia de São Lourenço, atualmente? Quais as principais características dessa comunidade?

Jairo Scholl Costa - Os descendentes de pomeranos da Colônia de São Lourenço ainda vivem da agricultura,

não sendo mais a batata inglesa seu principal produto, mas o tabaco, soja e laticínios. O isolamento em que viviam desapareceu, e há uma grande integração com a cidade, já que houve um deslocamento de pomeranos para a área urbana. Das características que ainda permanecem na comunidade, destaco o espírito de solidariedade entre os membros, as atividades sociais ou religiosas, o respeito pelas tradições e trabalho dos antepassados.

IHU On-Line - Que traços da cidade ainda são marcados pelas características pomeranas?

Jairo Scholl Costa - A presença maciça dos pomeranos na massa imigratória que formou a Colônia de São Lourenço influenciou fortemente as características do que viria a se tornar o município de São Lourenço, cujos traços permanecem ainda hoje na arquitetura das casas, que podem ser encontradas nas paredes pintadas de branco e aberturas de azul, e muitas delas com alpendres num estilo comum a Prússia (a Pomerania era uma província da Prússia ao tempo da imigração para o Brasil), jardins na frente das moradas, cemitérios conservados com esmero e seus renques de ciprestes. O dialeto pomerano continua sendo falado por muitos moradores tanto do interior como da cidade, sendo que em alguns estabelecimentos ainda se contratam funcionários que sabem falar alemão e dialeto pomerano.

IHU On-Line - Os pomeranos são muito apegados aos valores tradicionais. O que chama mais atenção em seus hábitos e costumes?

Jairo Scholl Costa - Destaco nos seus hábitos e costumes aqueles que se relacionam ao casamento e as festas religiosas como a Páscoa. Nas comunidades, ainda é praticado o *Stiepen*, quando homens pintam o rosto de preto, usam roupas de mulheres, vão de uma casa a outra pulando cercas e costumam cutucar vizinhos e amigos com galhos de árvores durante a noite de Páscoa. Também na madrugada do domingo de Páscoa resiste o costume de recolherem água nos córregos próximos, pois acreditam que esta água é adocicada e tem poderes medicinais. O casamento ainda tem componentes

da tradição wende-pomerana e continua o hábito de se recolher dinheiro para os noivos iniciarem a vida, que é uma variação do *Köksschengeld* ou “dinheiro das cozinheiras”.

IHU On-Line - Como o senhor define a visão de mundo dos pomeranos? O que eles pensam sobre a vida, a morte, o trabalho, a família?

Jairo Scholl Costa - O pomerano é um povo sobrevivente. Ele passou por duríssimas provações, as quais muitos povos teriam sucumbido e desaparecido da memória humana. Os pomeranos resistiram e isto decorre da sua capacidade de adaptação às adversidades e na força que vem da família e da comunidade. Sua visão de mundo é um desafio contínuo à sua existência. A vida é algo a ser vencido, e para tanto precisa trabalhar. Eles sabem que as coisas não virão por milagre e acreditam que, se trabalharem duro e honestamente, isto agradará a Deus. A morte é aceita com naturalidade, com um certo estoicismo de quem entende que este é o derradeiro caminho reservado a todos seres vivos. E a família é o seu grande valor, sua maior riqueza, porque é com ela que o pomerano consegue suas maiores vitórias e é no seu seio também que nascem suas maiores alegrias. Nesse sentido, os pomeranos a entendem como sendo a base de sua comunidade.

IHU On-Line - As poucas comunidades pomeranas existentes no Brasil estão localizadas em três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Os pomeranos correm os riscos de ter sua tradição esquecida?

Jairo Scholl Costa - Este risco já foi maior, mas, graças a uma conscientização privada e pública de que a cultura pomerana é parte da própria cultura brasileira, começa a se esboçar programas na área educacional, cultural e turística de modo a preservar a tradição pomerana. A etnia pomerana é singular e existe em poucos lugares do Brasil, especialmente o dialeto pomerano. Obviamente, muitas tradições e costumes foram perdidos por um processo de aculturação, mas é possível haver o resgate dessa cultura, se esses programas continuarem a se desenvolver.

Valorizar é projetar o futuro

Para desenvolver um município promissor, é importante reconhecer e valorizar a cultura local, considera José Nunes

POR PATRICIA FACHIN

Descendente de pomeranos, espanhóis e portugueses, o prefeito de São Lourenço do Sul José Nunes (PT), investe no projeto de integração das etnias do município. Além dos vínculos afetivos que o conectam à cidade, ele acredita que o desenvolvimento de um município acontece quando a população se reconhece através da história. “É difícil implementar projetos de desenvolvimento com pessoas que não têm uma auto-estima elevada, não se orgulham de sua história. Por isso, insisto em trabalhar a auto-estima da população sul-lourenciana. Para elevar a auto-confiança de um povo, é necessário valorizar sua história, e, para que isso aconteça, as pessoas precisam se conhecer”, explica.

Confira na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, as considerações de Nunes a respeito das transformações ocorridas em São Lourenço do Sul, nos últimos 20 anos.

IHU On-Line - O senhor é descendente de pomeranos? Conte-nos um pouco da sua trajetória familiar.

José Nunes - Sou 50% pomerano, 25% espanhol e 25% português. Minha mãe é descendente das famílias pomeranas Bubolz e Kohn. Sou filho de pequeno agricultor, e sempre tive um vínculo forte com a história desse povo.

IHU On-Line- Como as suas raízes familiares contribuíram para a criação desse projeto ideológico de transformação e divulgação da cultura pomerana, no município de São Lourenço do Sul?

José Nunes - O meu vínculo familiar foi importante para que isso acontecesse, mas invisto nesse projeto pela minha compreensão a respeito do que penso do mundo. Resgatar a história da população é fundamental para o desenvolvimento do município. É difícil implementar projetos de desenvolvimento com pessoas que não têm uma auto-estima elevada, não se orgulham de sua história. Por isso, insisto em trabalhar a auto-estima da população sul-lourenciana. Para elevar a auto-confiança de um povo, é necessário valorizar sua

história, e, para que isso aconteça, as pessoas precisam se conhecer.

Trabalho cooperativo

Antes de ser prefeito, participei da fundação de uma cooperativa familiar de produção de alimentos (hoje com 2000 associados), na qual a marca dos produtos foi chamada de *Pomerano*. A organização desse grupo resultou na criação de uma identidade para nossos produtos locais. Além do mais, esse projeto serviu de motivação para realizar um trabalho de valorização da cultura pomerana, como estamos fazendo hoje.

IHU On-Line - Como está ocorrendo esse trabalho de valorização da cultura pomerana em São Lourenço do Sul?

José Nunes - Estamos realizando um projeto de resgate histórico para que a população conheça a trajetória dos descendentes que habitaram o município. Nesse sentido, estamos mostrando à população a importância de preservar e valorizar a cultura local, e os ensinamentos desses imigrantes, que foram determinantes na formação e fundação do município.

IHU On-Line - Qual a importância de recuperar a cultura desse povo, principalmente através do turismo? Com o investimento do caminho pomerano, por exemplo?

José Nunes - Para ter sucesso, qualquer projeto de turismo deve dialogar com a história e a cultura. Assim, pretendemos enaltecer todos os aspectos relacionados à formação do município e da população, nos quais a colonização pomerana tem um significado muito forte.

Nosso objetivo é fazer com que a população de São Lourenço do Sul conheça esses hábitos, e que isso possa ser colocado como um atrativo no município. A instituição da Rota do Caminho Pomerano tem como finalidade promover a economia entre as famílias, valorizar elementos da nossa cultura pomerana e também divulgá-la para o estado gaúcho. Com a implementação desse projeto, entendo que estamos atingindo várias facetas, tanto no aspecto cultural quanto no aspecto social. Além disso, o projeto proporciona a valorização dos agricultores familiares, que passam a reconhecer a sua importância e o valor dos antepassados.

Conversando com a comunidade, percebi que os moradores não imaginavam que alguém pudesse se interessar pelas suas histórias e seu modo de vida. Hoje, entre a população, existe uma melhora na auto-estima e um sentimento de valor muito mais significativo do que se tinha antes.

IHU On-Line - Até então os pomeranos da região se sentiam mais reclusos e rejeitados?

José Nunes - Já tivemos muitos prefeitos descendentes de alemães, mas a valorização da descendência – como acontece hoje – nunca foi objeto de política e projeto na região. Em São Lourenço, o pomerano sempre se sentiu excluído e pouco promovido. Isso gerou a criação de duas realidades: a urbana, que era vista como algo de outro mundo; e a rural, onde estava preservada a cultura pomerana, que se sentia inferiorizada. Com essa política de resgate histórico, estamos conseguindo integrar a população, construindo um município inteiro. As pessoas estão começando a perceber as diferenças étnicas existentes, estão se valorizando entre si, e com isso vamos

constituir um ambiente favorável para o desenvolvimento.

IHU On-Line - Como ocorreu, ao longo da história, a trajetória política do município? Os pomeranos nunca participaram desse processo?

José Nunes - O povo pomerano sempre trabalhou de uma forma muito submissa. Politicamente, foram muito dominados, sofreram influência dos setores influentes, que diziam como eles deveriam agir, votar e pensar. Há 20 anos, o associativismo vem crescendo na região, o que tem gerado uma ruptura no sistema de funcionamento da sociedade.

IHU On-Line - Que características pomeranas ainda permanecem, arraigadas na vida social do município de São Lourenço do Sul?

José Nunes - Ainda existem muitos aspectos da cultura pomerana preservados na região. Eles são perceptíveis no jeito de ser desse povo, nas festas, na forma como eles se relacionam nas comunidades. No meio rural, a cultura religiosa e os cantos também são conservados. Ao mesmo tempo em que estão refletindo sobre a importância de preservar essas características culturais, os descendentes pomeranos estão compreendendo que também é preciso acompanhar a evolução dos tempos.

IHU On-Line - Nesta busca pela integração, como os pomeranos estão se relacionando com as outras culturas da região, como as comunidades quilombolas e alemãs?

José Nunes - Percebo que hoje eles convivem de maneira mais cidadã, uns com os outros. Os pomeranos tinham uma relação de preconceito com as comunidades negras rurais. Essas diferenças ainda não estão resolvidas, mas já avançamos bastante nesse sentido. Aos poucos, estamos criando um sentimento de compreensão entre as comunidades, mostrando a importância do convívio dessas culturas de uma forma mais próxima. Em eventos municipais, como no jantar das etnias, propomos a integração. Temos também, nos espaços culturais, atividades que trabalham aspectos das culturas pomerana e afro. Assim, estamos vivendo um momento muito positivo no processo de integração das etnias.

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA
IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHUONLINE

Uma cultura ameaçada

A escola tem o poder de silenciar ou resgatar a memória pomerana, considera a pedagoga Vânia Grim Thies

POR PATRICIA FACHIN

“**A** germanização da cultura e o processo de ‘calar’ já fizeram com que os jovens pomeranos deixassem de conhecer muito dos aspectos históricos da própria cultura”, afirma Vânia Grim Thies, professora da rede municipal de ensino, de Morro Redondo. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a pesquisadora, que realiza estudos nas escolas da região colonizada por pomeranos, diz que não há, entre os jovens, a “preocupação em resgatar os aspectos históricos”. Uma mudança nesse cenário pode acontecer através das escolas, que tem a “tarefa fundamental de reacender nas crianças, a importância do resgate e do conhecimento dos processos culturais do povo pomerano”, acrescenta.

Vânia Grim Thies é graduada em Pedagogia, especialista em Alfabetização e Letramento e mestre em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com a dissertação *Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores*.



Divulgação

IHU On-Line - Que estilo de vida caracteriza os pomeranos?

Vânia Grim Thies - Eles têm um estilo de vida simples, ligado à religiosidade com seus rituais de batismo, confirmação, casamento. As festas nas comunidades religiosas são, na maioria das vezes, ligadas ao calendário litúrgico. Por vezes, os pomeranos são tomados como “desconfiados” e “teimosos”, mas na verdade é uma tentativa de estigmatização, já que esse povo teve boa parte de sua história “germanizada”.

IHU On-Line - Como os pomeranos são vistos no imaginário social brasileiro e alemão?

Vânia Grim Thies - Os pomeranos são vistos como alemães pelos brasileiros. São vistos da mesma maneira também pelos próprios alemães. Sempre que se fala em pomeranos, percebe-se que eles estão agrupados entre os alemães, embora sejam um grupo diferente.

IHU On-Line - Qual o papel da mulher na comunidade pomerana? Além de ser responsável pela educação dos

“Nas escolas trabalhadas, o que se busca é o resgate e manutenção da cultura pomerana, com os pais, comunidade local, professores e alunos, através da sensibilização da memória”

filhos, que outras funções ela desempenha na vida social da comunidade?

Vânia Grim Thies - A mulher pomerana, embora não apareça explicitamente na história e no contexto da imigração, exerce um importante poder na tomada de decisões. São as mulheres que cuidam do entorno da casa e da produção da culinária, por exemplo. São elas que mantêm em movimento uma grande parte dos “saberes” culturais. A cultura masculina “impõe” que o homem fale. Nas comunidades rurais em que estou realizando uma pesquisa (Solidez e Nova Gonçalves, em Canguçu, Rio Grande do Sul), posso afirmar que as mulheres “guardam” muito das histórias de seus antepassados,

ou seja, elas são produtoras da memória no contexto em que vivem.

IHU On-Line - O que os estudos de campo nas comunidades pomeranas revelaram sobre o estilo de vida e os rituais desse povo, não contados pela historiografia alemã oficial?

Vânia Grim Thies - Um dos pontos principais diz respeito à vinda deste povo para o Brasil. A versão da história oficial conta que os pomeranos embarcaram para o país, e que aqui ganharam terras, garantindo o sustento da família. Na verdade, era preciso desbravar os matos, construir uma moradia, iniciar o plantio para pagar as próprias terras (a um alto juro). Só depois de finalizar os pagamentos,

ganhavam a escritura e a posse da colônia. Os estudos de campo revelam que parte da história não foi contada da maneira como verdadeiramente aconteceu.

IHU On-Line - Em que sentido a língua portuguesa introduzida nas escolas e o contato com outras etnias contribuiu para a transformação da cultura pomerana, principalmente entre as crianças?

Vânia Grim Thies - Em primeiro lugar, a língua pomerana caracteriza-se por ser essencialmente oral. Há, na atualidade, algumas iniciativas por parte de pesquisadores, principalmente do Espírito Santo, de torná-la uma língua com grafia. Porém, é necessário observar que, no contexto da imigração, a língua pomerana foi abarcada pelo alemão oficial, sendo este ensinado nas escolas. Nas entrevistas, constata-se que o pomerano era a língua falada em casa, entre os familiares, enquanto o “hoch deutsch”, o “alto alemão”, ou “alemão puro”, era falado nas escolas, igrejas, no meio social. Mais tarde, a língua portuguesa trouxe o “abrasileiramento” na medida em que foi proibido o uso de outra língua senão a “oficial”. Esse fato permitiu que, aos poucos, tudo o que era próprio da cultura pomerana fosse perdendo a legitimidade.

IHU On-Line - Que aspectos da cultura e tradição pomerana ainda são seguidos nas comunidades estudadas pela senhora?

Vânia Grim Thies - Aspectos que estão ligados à culinária como a *schmier* (doce feito no tacho), a fabricação de compotas, o pão e a cuca feita no forno de rua. Sabe-se, também, que o pomerano não dispensa a cobertura feita com penas de ganso, nos meses de inverno. Outros aspectos observados estão relacionados com a religião. Um deles é a lembrancinha de batismo ofertada pelos padrinhos aos afilhados. Entre os jovens, ainda persiste a tradição da confirmação. Ou seja, após realizarem a primeira eucaristia, eles podem participar dos bailes, como se a confirmação fosse o “termo de maioridade”.

As festas de casamento ainda es-

“A língua portuguesa trouxe o ‘abrasileiramento’ na medida em que foi proibido o uso de outra língua senão a ‘oficial’. Esse fato permitiu que, aos poucos, tudo o que era próprio da cultura pomerana fosse perdendo a legitimidade”

tão bastante vivas nas comunidades pomeranas, embora com algumas adaptações, envolve um grande grupo de pessoas para os preparativos. Muitas festas ainda são realizadas durante o dia, animadas ao som de bandinhas e tendo a sopa como parte do cardápio principal. A serenata do *Stüpper* ainda acontece na noite que antecede o dia da Páscoa, na qual um grupo fantasiado e embalado por uma gaita sai para visitar as casas e acordar os moradores com uma alegre cantoria. Os feriados alongados (um, dois dias após o feriado propriamente dito) também são uma característica que ainda permanece nas comunidades rurais pomeranas.

IHU On-Line - Qual é o papel da escola no processo de resgate, manutenção e silenciamento da cultura pomerana?

Vânia Grim Thies - A escola pode resgatar a cultura para fazer o entendimento dos processos culturais, mantendo “acervos vivos”, ou pode

desconsiderar toda a bagagem cultural do contexto em que está inserida, provocando o silenciamento da cultura. Nas escolas trabalhadas, o que se busca é o resgate e manutenção da cultura pomerana, com os pais, comunidade local, professores e alunos, através da sensibilização da memória. Trabalhamos, hoje, com a idéia da cultura pomerana na Serra dos Tapes, ou seja, em cidades localizadas no sul do Rio Grande do Sul, principalmente em comunidades rurais de Canguçu e São Lourenço do Sul.

IHU On-Line - Como os jovens pomeranos lidam com as memórias de seus antepassados? Há preocupação em resgatar e celebrar os aspectos históricos desse povo?

Vânia Grim Thies - A germanização da cultura e o processo de “calar” já fizeram com que os jovens pomeranos deixassem de conhecer muito dos aspectos históricos da própria cultura. Percebe-se que não há, entre eles, a preocupação em resgatar os aspectos históricos. O trabalho desenvolvido nas escolas tem uma tarefa fundamental de reacender nas crianças e jovens a importância do resgate e do conhecimento dos processos culturais do povo pomerano.

IHU On-Line - Nas sessões de coleta de cultura material e imaterial realizada nas escolas, que objeto ou história mais lhe chamou atenção em relação à cultura pomerana?

Vânia Grim Thies - São as histórias que não estão registradas em nenhum livro, apenas na tradição contada entre as gerações, guardadas na memória deste povo, como, por exemplo, a confecção das vestimentas, as invenções de instrumentos agrícolas para o trabalho na lavoura, entre outras. Através das histórias e objetos materiais, observa-se o modo de vida e a produção da cultura local, ou seja, a comunidade, produz a sua história. No entanto, essas histórias não serão usadas no presente para reviver fatos passados, mas servem para o entendimento de um contexto histórico que acabaram por produzir a sociedade em que atualmente vivemos e o contexto no qual estão localizadas as comunidades pomeranas.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

Tributaram aos índios uma conta que não é deles

Dom Roque Paloschi, bispo de Roraima, dá um depoimento emocionado sobre o conflito de Raposa Serra do Sol

POR GRAZIELA WOLFART

Gáucho de Lajeado, Dom Roque Paloschi é bispo de Roraima há três anos. Na conversa que teve com a **IHU On-Line** na tarde da última sexta-feira, por telefone, Dom Roque, emocionado, fala sobre o julgamento em torno da demarcação da terra de Raposa Serra do Sol, e sobre o conflito entre índios e arroteiros da região. Para ele, “o voto, os argumentos e a clareza do ministro Ayres Britto só confirmou a práxis dessas comunidades indígenas, que, agredidos, atacados, de maneira criminosa, procuraram seguir o caminho da lei e da não-violência”.

IHU On-Line - Como o senhor avalia, até agora, o julgamento do caso Raposa Serra do Sol?

Dom Roque Paloschi - Nós avaliamos com muita serenidade porque nós, cristãos, das comunidades indígenas e da Igreja do Brasil, temos plena confiança no Supremo Tribunal Federal, que deverá consolidar e confirmar a Constituição Brasileira. O Estado brasileiro quis dar direitos aos seus filhos; direitos de reconhecimento da sua organização, do seu modo de viver, da sua cultura, dos seus costumes, das suas línguas. Tirar isso hoje é negar e retalhar a Constituição. Por isso, temos muita confiança de que os ministros do Supremo Tribunal Federal irão confirmar aquilo que é consagrado na Constituição Cidadã de 1988, que abriu uma grande perspectiva aos povos originários, aos quilombolas, aos mais sofridos e desprezados desse país.

IHU On-Line - Qual a importância da postura do ministro Ayres Britto?

Dom Roque Paloschi - A postura do ministro Ayres Britto deu para todos nós, brasileiros e brasileiras, mas também para o mundo, esse sentido de um reconhecimento daquilo que é a lei. A

lei é para todos e a Constituição rege isso: o respeito à vida, à historicidade, aos costumes das populações originárias do país. E ele traz expressões magistrais, que deveríamos gravar no nosso coração, num país de tanto preconceito e discriminação. O ministro do Supremo Tribunal Federal falou, com autoridade, que, se os índios estão nessas fronteiras, foi porque foram empurrados, chutados, rejeitados pela sociedade vigente e foram os grandes defensores do território nacional. Ele usa uma bonita frase: “A questão do indígena com a terra é como a carne e a unha, como o olho e a pálpebra. Um não pode viver separado do outro”. Não se pode separar a vida da comunidade indígena da sua territorialidade. As terras indígenas nem são dos índios, eles apenas as usufruem, porque são propriedade da União. Percebemos que o grande grito, o grande apelo das comunidades indígenas, é justamente em razão da ausência do Estado. Digo isso porque nós podemos testemunhar. A grande maioria dos prédios escolares dentro da terra indígena Raposa Serra do Sol é construída pelos próprios indígenas, sem recursos governamentais. O mesmo ocorre com os postos de

saúde. O que mais podemos esperar? Tributaram aos índios uma conta que não é deles. Os índios não podem assumir uma conta que eles não fizeram, lembrando as palavras do ministro. O Estado brasileiro precisa pagar essa dívida com os povos originários dessa terra. Vamos deixar que os índios nos catequizem também!

IHU On-Line - Como as comunidades indígenas têm se manifestado em torno dessa polêmica?

Dom Roque Paloschi - As comunidades indígenas têm lutado de maneira evangélica. Enquanto o mundo inteiro reverencia Martin Luther King e Gandhi, nós, aqui no Brasil, podemos dizer que as comunidades indígenas de Raposa Serra do Sol, ao longo de mais de 30 anos, viveram o caminho da não-violência. E a história tem provado isso. São mais de 30 lideranças das comunidades indígenas assassinadas, malocas incendiadas, roças destruídas, estradas e pontes interrompidas ou queimadas. E nunca, nunca mesmo, as comunidades indígenas reagiram com a violência. Pelo contrário. Seguiram sempre o caminho da não-violência, confiando na lei e na justiça. Se não

é na justiça humana, é na justiça de Deus. Podemos dizer com muita serenidade que a grande maioria dessas lideranças são movidas pela força do Evangelho, por uma vida de oração, uma vida sacramental nas suas comunidades. Missionários continuam sendo atacados, agredidos, em público, mas jamais se afastaram das comunidades indígenas. Nunca abandonaram a fidelidade à cruz do Senhor. Não passamos dois dias sem um ataque pela imprensa local em relação ao trabalho da Igreja.

IHU On-Line - As comunidades indígenas tiram, então, força da fé para continuar lutando?

Dom Roque Paloschi - Tiram força de uma vida no Evangelho, de oração, de participação no sacramento, tiram força da consciência de que a vida vem de Deus e não pode ser destruída pela ganância, pelo dinheiro, daqueles que, em nome do progresso, não respeitam ninguém.

IHU On-Line - Quais as expectativas das comunidades indígenas em relação a esse julgamento? As esperanças aumentaram depois desse voto do ministro Ayres Britto?

Dom Roque Paloschi - Evidentemente que o voto, os argumentos e a clareza do ministro Ayres Britto só confirmou a práxis dessas comunidades indígenas, que, agredidos, atacados, de maneira criminosa, procuraram seguir o caminho da lei. Ao longo desses mais de 30 anos, não há um registro policial de um ataque a um fazendeiro, a um rozeiro, a um agente governamental. São comunidades profundamente voltadas para essa nova sociedade, a civilização do amor, tão acalentada no coração do Papa Paulo VI, tão difundida por João Paulo II. Essas comunidades têm dito não à cultura da morte e da violência, têm dito sim à vida, que é dom de Deus e precisa se tornar bênção para esse mundo. Que bom que podemos ser testemunhas hoje dessa vitalidade que brota do coração dos pobres, daqueles mais rejeitados e desprezados, daqueles mais enxotados desse país: as populações indígenas e negras. Que bom que a Igreja e a CNBB sempre foram implacáveis na defesa

“Quando menos se espera, renasce alguma coisa. Pode ter certeza: eles nunca vão entrar no caminho da violência e vão caminhar de acordo com a lei”

dos pobres. No dia 27 de agosto, fez dois anos da morte de Dom Luciano Mendes de Almeida. Nós, de Roraima, temos essa dívida a esse homem que, certamente, do céu, continua intercedendo para que verdadeiramente a justiça seja feita. A história tem suas coincidências.

IHU On-Line - Quais as possíveis consequências em caso de cancelamento da demarcação das terras?

Dom Roque Paloschi - Não posso responder pelas comunidades indígenas, mas pelo convívio com elas, pelo que os missionários sentem no coração dos índios; eles vão continuar lutando. Vão enfrentar todos os processos que o governo brasileiro, através do STF, exigir, se isso eventualmente acontecer. Porque, se há acusação de laudos fraudulentos, vamos enfrentar todos os novos caminhos, fazer de novo.

IHU On-Line - As comunidades indígenas não vão se entregar...

Dom Roque Paloschi - Não, não vão mesmo. Aliás, já dizia Pe. Antônio Vieira que a população indígena desse país não se entrega. Quando menos se espera, renasce alguma coisa. Pode ter certeza: eles nunca vão entrar no caminho da violência e vão caminhar de acordo com a lei. Isso é bonito, eles respeitaram a lei sempre. Pelo número em que estão, poderiam fazer qualquer coisa. Mas eles defendem nossas fronteiras e “vestem a camisa” do Brasil, da brasilidade, do amor à terra. Esse país deve se curvar aos povos originários dessa terra.

IHU On-Line - Como está a repercussão desse caso pelas ruas de Roraima, entre as pessoas comuns?

Dom Roque Paloschi - Há evidentemente uma grande revolta. O jornal local de hoje mostra os políticos, o empresariado assustado e movendo uma grande campanha nacional contra o voto do ministro-relator. O Brasil inteiro e o mundo ouviram a expressão do líder dos rozeiros, que, com arrogância, disse, em pleno Supremo Tribunal Federal, desafiando o Supremo, que ele agradecia pelo fato de que ministro não tinha mandando prendê-lo nem o mandado fuzilar. Imagina o que uma pessoa dessas faz com um índio? O que um homem desses é capaz de fazer? O que mais se pode esperar?

IHU On-Line - Fala-se numa solução que encontre um meio-termo nessa polêmica. O senhor consegue imaginar esse meio-termo? Em que sentido?

Dom Roque Paloschi - Vou lhe devolver uma pergunta: você está disposta a viver meia vida? Esse é o entendimento constitucional. Ayres Britto não inventou nada. Ele pautou seu voto na constituição desse país. Eu posso ser atrapalhado, porque sou um agricultor, não sou um homem de estudos, mas eu pergunto se há meia vida. Há meia cama? Ou você tem a vida plena, ou você... Será que o Estado brasileiro vai premiar os que fabricam bombas, que desafiam a ordem? O meio-termo é esse? Na minha opinião o meio-termo é o genocídio das comunidades indígenas.

IHU On-Line - Como a sociedade brasileira tem se manifestado a favor dos povos indígenas?

Dom Roque Paloschi - Somos profundamente gratos pela solidariedade manifestada pelas dioceses, pelas prelazias, das congregações religiosas, das comunidades cristãs, das pessoas de boa vontade, que estão tão próximas, tão vizinhas a esta luta dos povos indígenas do Brasil e, de modo particular, de Raposa Serra do Sol. Queria dizer muito obrigado por essa vigilância, pela oração, pela solidariedade, pela proximidade e, sobretudo, pela confiança nos passos que a Igreja daqui tem dado no sentido de viver sua missão junto aos pobres de Roraima.

Teologia Pública

Novas visões na fé não podem ser invenções individuais

Para Dom Sebastião Gameleira, bispo da Diocese Anglicana do Recife, a totalidade da Igreja só se dá na comunhão de todas as Igrejas. “Pura autonomia é pecado”, pois temos de estar em aliança uns com os outros

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Convidado a refletir sobre as repercussões da Conferência de Lambeth para a Igreja Anglicana e para a Igreja Cristã de forma geral, Dom Sebastião Armando Gameleira Soares, bispo da Diocese Anglicana do Recife, fez mais. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele subsidia a discussão com uma explicação mais aprofundada sobre o cenário da Igreja Anglicana. Dom Sebastião explica que a Comunhão Anglicana se caracteriza estruturalmente por algumas tensões permanentes as quais “são muito positivas e fecundas e, ao mesmo tempo, envolvem riscos”. Para ele, “isso nos leva a insistir na necessidade de ser uma Igreja intensamente orante, com profunda abertura ao diálogo e radicalmente confiante no Espírito Santo, uma Igreja da pedagogia da Graça e não da imposição da Lei, onde as pessoas se sintam chamadas a viver a santidade na liberdade”. Sobre a Conferência de Lambeth, Dom Sebastião aponta como um grande avanço a possibilidade de uma atenta escuta recíproca e que “nos fez conhecer melhor as razões que nos movem no debate”. Ele menciona o conflito sobre a ordenação de homossexuais e acredita que, mesmo sem superá-lo imediatamente, “saímos todos com um intenso desejo de que a Igreja se mantenha una, apesar da diversidade e das presentes adversidades”. E explica: “Não se trata só de acolher ou não homossexuais, mas de fazê-lo de maneira aberta e pública, como ‘política’ institucional da Igreja”. Casado e pai de três filhas e um filho, Dom Sebastião Gameleira é mestre em Filosofia, Teologia e Exegese Bíblica, e especialista em Sociologia e bacharel em Direito. Foi professor do Instituto de Teologia do Recife – ITER, de 1973 a 1989, assessor do Centro de Estudos Bíblicos – CEBI e bispo da Diocese Anglicana de Pelotas-RS, de 2000 a 2006. Desde 2006, é bispo diocesano da Diocese Anglicana do Recife, que abrange os nove estados do Nordeste.

IHU On-Line - O senhor pode falar sobre a estrutura da Igreja Anglicana hoje, de forma geral, para entendermos sua situação atual?

Sebastião Gameleira Soares - O cristianismo chegou às ilhas britânicas entre os séculos II e III d.C. Formou-se entre os povos celtas uma Igreja bastante autônoma e inculturada, pela própria situação de ilhas. Invasões de vikings e de anglo-saxões devastaram os povos locais e sua Igreja. No século VI, o papa Gregório Magno envia Agostinho e um grupo de monges para evangelizar e reorganizar a Igreja.

Com isso, fortalece-se o vínculo com Roma, e Santo Agostinho¹ é considerado o primeiro arcebispo de Cantuária. Na verdade, porém, as relações com Roma nunca foram inteiramente tranquilas, até que a Inglaterra adere à Reforma. A Reforma, além de movimento religioso, foi um novo ordenamento econômico e político da Europa, com a quebra do Império e o surgimento de Estados nacionais (Alemanha, Suíça,

Inglaterra). Igrejas “nacionais” eram a legitimação desse processo nacionalista. A reforma inglesa, porém, não foi acentuadamente doutrinal, como no Continente, mas, sobretudo, política (ruptura com o poder do Papa) e litúrgica (a complicada liturgia medieval substituída pelo Livro de Oração Comum). O conflito de Henrique VIII² com o Papa foi só a gota d’água de processo

¹ Santo Agostinho de Cantuária: bispo e monge beneditino enviado pelo Papa Gregório Magno, em 597, à Inglaterra, onde converteu o rei Etelberto de Kent e evangelizou a população. (Nota da IHU On-Line)

² Henrique VIII Tudor (1491-1547): rei da Inglaterra de 21 de abril de 1509 até sua morte. Em seu reinado, destaca-se a ruptura com a Igreja Católica Romana e seu estabelecimento como líder da Igreja Anglicana, a dissolução dos mosteiros, e a união da Inglaterra com Gales. (Nota da IHU On-Line)

muito mais profundo.

“Via media”: Igreja Católica aberta a conquistas da Reforma

A ruptura com Roma situa a Inglaterra no campo da Reforma e abre à influência particularmente da Suíça calvinista (presbiteriana). O século XVII foi de intenso e sangrento conflito entre a tendência católica e a protestante. Isabel I³ teve a sabedoria de perceber que a Igreja era decisiva para a unidade e pacificação do reino. Por isso, promoveu o que depois ficou conhecido como “via media”: Igreja Católica aberta a conquistas da Reforma. Surge, assim, uma forma de Igreja onde Catolicismo e Protestantismo não são vistos como contraditórios, mas complementares, e por isso virtualmente ecumênica; Bíblia e liturgia na língua e nas mãos do povo; valorização do “sacerdócio comum dos fiéis” com a manutenção das ordens sagradas e dos sacramentos; liberdade para o casamento do clero; liderança episcopal combinada com maior participação do laicato; afirmação da legitimidade da Igreja local (“Igreja da Inglaterra” e “inculturada”). Essa Igreja “inglesa” foi levada às colônias pelo Império Britânico e pelo movimento missionário. À medida que as Igrejas locais vão adquirindo autonomia, nasce a Comunhão Anglicana, que é uma união de Igrejas autônomas, todas em comunhão com a Sé de Cantuária. O Arcebispo de Cantuária⁴ é o símbolo da unidade da Igreja, tem autoridade moral (não poder jurídico) e a tarefa pastoral de apoio, articulação e representação do conjunto da Comunhão.

IHU On-Line - Como se organiza a Igreja e como se dá o processo de decisão em sua estrutura?

Sebastião Gameleira Soares - A Igreja local é a diocese e é autônoma. As dioceses se articulam regionalmente

3 Isabel I (1533-1603): também conhecida no Brasil sob a variante Elisabete I ou Elizabeth I. Foi Rainha da Inglaterra e da Irlanda de 1558 até sua morte. (Nota da IHU On-Line)

4 O Arcebispo da Cantuária é o líder espiritual da Igreja Anglicana, já que cada província é autônoma, formando a Comunhão Anglicana que segue seus preceitos litúrgicos, exclusivamente bíblicos, e orienta-se pelo Livro de Oração Comum. O atual (e 104º) arcebispo da Cantuária é Rowan Douglas Williams. (Nota da IHU On-Line)

“É preciso discernir melhor o que é ‘revelação de Deus’ e o que, eventualmente, é expressão cultural da época de escritura da Bíblia”

em províncias. Regem-se por suas próprias leis em consonância com as leis da província. A autoridade maior são o sínodo diocesano e o sínodo provincial. Aí estão presentes os bispos e representações do clero e do laicato. A autoridade não se concentra, falamos de “autoridade dispersa e compartilhada”. Para a fé e a prática, a Bíblia é a suprema norma de autoridade. Deve ser lida à luz da Tradição da Igreja, com os recursos da Razão (ciências) e da Experiência de vida, com confiança na guia do Espírito Santo. A fonte de autoridade, portanto, é aquilo que a tradição católica chama de “sensus fidelium”, ou o consenso do povo cristão. A síntese do que se deve crer se acha no Credo Niceno.⁵ Portanto, diz-se que, para a unidade da Igreja, é preciso sustentar um “Quadrilátero”: a Bíblia, como norma suprema de fé e prática; os Credos históricos da Igreja, como síntese da doutrina contida nas Escrituras; os Sacramentos, como expressão e meios de graça, particularmente os Sacramentos da Iniciação Cristã, Batismo e Eucaristia; e o Episcopado histórico como expressão do ministério apostólico de supervisão.

Instrumentos de unidade

Como disse acima, não há concen-

5 O Credo Niceno-Constantinopolitano, ou o Ícone/Símbolo da Fé, é uma declaração de fé cristã que é aceita pela Igreja Católica, pela Igreja Ortodoxa, pela Igreja Anglicana e pelas principais igrejas protestantes, como, por exemplo, a Igreja Presbiteriana. O nome está relacionado com o Primeiro Concílio de Niceia (325), no qual foi adotado, e com o Primeiro Concílio de Constantinopla (381), onde foi aceita uma versão revista. (Nota da IHU On-Line)

tração da autoridade numa única instância. O que temos são os chamados “Instrumentos de Unidade”: o Arcebispo de Cantuária, Primaz de toda a Comunhão Anglicana e símbolo máximo da unidade da Igreja; a Conferência de Lambeth, que reúne todo o episcopado de dez em dez anos; o Encontro periódico de Primazes; e o Conselho Consultivo Anglicano, formado por representações das províncias (bispos, clérigos e leigos).

O processo de decisão, portanto, se dá nas dioceses e nas províncias. No nível internacional, além dos “Instrumentos de Unidade”, o que há são redes de articulação, ordens religiosas, instâncias de apoio e agências diversas, entre elas as agências missionárias. Tudo isso é muito importante para fomentar o mútuo conhecimento, a partilha de pontos de vista, o diálogo, o debate e, finalmente, a consolidação do “sensus fidelium”. Mas é nas Igrejas locais (dioceses e províncias regionais) que se pode chegar a decisões. Por isso, a Comunhão Anglicana se caracteriza estruturalmente por algumas tensões permanentes as quais são muito positivas e fecundas e, ao mesmo tempo, envolvem riscos. Isso nos leva a insistir na necessidade de ser uma Igreja intensamente orante, com profunda abertura ao diálogo e radicalmente confiante no Espírito Santo, uma Igreja da pedagogia da Graça e não da imposição da Lei, onde as pessoas se sintam chamadas a viver a santidade na liberdade. Algumas dessas tensões são as seguintes: entre Catolicismo e Protestantismo, autoridade episcopal e iniciativa popular, obediência e liberdade, autonomia e interdependência, unidade e diversidade.

IHU On-Line - Quais os principais avanços trazidos nas discussões da Conferência de Lambeth?

Sebastião Gameleira Soares - A Conferência de Lambeth tem aspectos de um “concílio mundial” do Anglicanismo, pois, a cada dez anos, reúne bispos e bispas, que são guardiões da fé e representantes de suas Igrejas. É espaço de diálogo para testar e compartilhar o consenso das Igrejas, especialmente em relação a pontos em debate. Não

tem nenhuma autoridade jurídica para decidir, pois quem decide são as dioceses e províncias locais, mas existe grande autoridade moral para propor e recomendar. E, naturalmente, manifesta o consenso da Igreja ou aspectos em debate e até mesmo posições em conflito. É preciosa instância para indicar rumos da caminhada.

Igreja e os homossexuais

Como se sabe, tem havido intenso debate e conflito em torno da questão de qual atitude a Igreja deva tomar em relação a pessoas homossexuais. É um debate que nasce particularmente nos países do hemisfério norte, sociedades que já resolveram em grande parte seus problemas econômicos básicos. É bom lembrar que não se trata simplesmente de acolher ou não homossexuais, até de ordenar ou não homossexuais. Sabemos que em todos os ambientes e profissões há pessoas homossexuais, inclusive nas Igrejas e no clero. Ou seja, ao longo da história, a Igreja tem acolhido homossexuais e até os tem ordenado. Só que isso se faz discretamente. A Igreja Anglicana tem uma característica: o que chamamos de “senso da realidade” leva a trazer ao debate público o que outras instituições tratam silenciosamente ou “põem debaixo do tapete”, daí mais facilmente aparecer o conflito. Hoje, as pessoas homossexuais desejam não ser excluídas, mas reconhecidas em sua condição sexual diferente.

Daí surge o problema, pois a Bíblia e a Tradição da Igreja têm palavras claras de condenação a essa condição de vida, sob o pressuposto de que se trate de “opção” livre (pecado) e não de “condição” em que se acha a pessoa.

A Conferência não resolveu o problema

Ou seja, não se trata só de acolher ou não homossexuais, mas de fazê-lo de maneira aberta e pública, como “política” institucional da Igreja. Quem defende isso o fará alegando razões de justiça e o princípio supremo do amor a todas as pessoas, qualquer que seja sua condição.

A Conferência não resolveu o problema. Seu método foi o de nos colocar juntos para orar e dialogar. Orar

“Não seria importante, com a mesma veemência com que se debate sobre ética sexual, debater e combater a injustiça, a fome, a violência, a corrupção? Por que essas questões não têm o mesmo poder de mobilização dos grupos de Igreja, como o têm as questões de sexualidade?”

para que nosso debate seja “em Deus” e não movido por motivos menores; dialogar para livremente manifestar os vários pontos de vista e escutar atentamente as razões de quem discorda. Nisto, a Conferência foi um grande avanço, pois tornou possível uma atenta escuta recíproca e nos fez conhecer melhor as razões que nos movem no debate. Mesmo sem superar imediatamente o conflito, saímos todos com um intenso desejo de que a Igreja se mantenha una, apesar da diversidade e das presentes adversidades.

IHU On-Line - Que divergências permanecem abertas?

Sebastião Gameleira Soares - Não se chegou a nenhum acordo final. Vê-se mais claramente agora, porém, a necessidade de aprofundar a hermenêutica bíblica, pois é preciso discernir melhor o que é “revelação de Deus” e o que, eventualmente, é expressão cultural da época de escritura da Bíblia. É necessário ainda dar atenção aos elementos que nos possam vir das ciências humanas (Fisiologia, Psicologia...) na explicação da condição se-

xual de cada pessoa. Além disso, não podemos polarizar a discussão ética na sexualidade; é preciso alargar a discussão para os grandes problemas éticos da atualidade, como as questões da Justiça, da Vida e da relação entre dimensão pessoal e coletiva do ser humano. Ademais, a reflexão teológica nos deve ajudar a perceber melhor a relação e a distinção entre qual é o núcleo da prática da vida cristã (a condição de filiação divina) e a condição concreta de cada ser humano para viver aquela sublime vocação. Finalmente, somos chamados a aprofundar o conceito sociológico e teológico de “interdependência”. Para manter a Comunhão da Igreja, temos de manter igualmente as duas faces da medalha: autonomia e interdependência. Cada Igreja não é autônoma para decretar o que se deve crer e o que praticar; isso precisa estar fundado no “sensus fidelium”, e diz respeito ao conjunto da Igreja. Cada Igreja, por pequena que seja, é “toda” a Igreja (“Catholica”), mas não o é “totalmente”. A totalidade da Igreja só se dá na comunhão de todas as Igrejas. Pura autonomia é pecado, pois temos de estar submissos à soberania de Deus e de Sua Palavra, e em aliança (“mútua submissão”) uns com os outros.

IHU On-Line - Como a ordenação de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado, e a ordenação de padres homossexuais repercute na Igreja Anglicana no Brasil?

Sebastião Gameleira Soares - A ordenação de mulheres foi um foco de tensão há muitos anos atrás no Anglicanismo mundial. Ainda hoje há províncias que não ordenam mulheres ou só as ordenam ao diaconato. No Brasil, nunca se chegou a conflito por isso e as mulheres já se ordenam há mais de vinte anos e são bem recebidas nas comunidades. Na América Afrolatínica (América Latina e Caribe), temos agora a primeira mulher bispa, a auxiliar de Cuba.⁶ Quanto a homossexuais, sabemos que os há também em nosso

⁶ Sobre o tema, confira na editoria Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em 06-05-2008, a entrevista “Médica e presbítera. Um testemunho”, com a presbítera cubana Marianela de La Paz”. (Nota da IHU On-Line)

clero, como em todas as Igrejas e profissões. No entanto, não temos questões como a de “política institucional”, diferentemente do que se pensa em alguns países do Norte.

IHU On-Line - Representantes da Igreja Anglicana afirmam que se trata de uma questão hermenêutica e, portanto, relativa, o fato de se condenar o homossexualismo como pecado com base na Bíblia. O senhor concorda? Por quê?

Sebastião Gameleira Soares - Dizer que é uma “questão hermenêutica” significa dizer que depende de como se interprete a Bíblia, não que seja necessariamente uma questão relativa. Ou seja, é preciso perceber com mais clareza como se deve interpretar a Bíblia, pois nela há o núcleo da revelação divina permanente e a marca humana do tempo, da cultura, em que foi percebida e transmitida essa revelação. Há perguntas de hoje que a letra da Bíblia e a Tradição não podem responder, pois não eram perguntas postas no passado. Mas, para resolver as questões de hoje, precisamos, isto sim, nos orientar pelos critérios que a Bíblia e a Tradição nos comunicam. Aí está a dificuldade: quais os critérios bíblicos para julgar certas situações críticas de hoje. Esse tem de ser o esforço teológico da Igreja e isso não se dá facilmente, nem rapidamente, pois é preciso que amadureça o “sensus fidelium”, mediante o diálogo e o conflito sob a guia do Espírito Santo. Pois novas visões na fé não podem ser invenções individuais. Não se trata de “adaptar” o Evangelho à mentalidade da época, mas perceber o que Deus nos quer dizer “em cada época”, em continuidade com a Tradição fundamental da fé. Foi assim que a Igreja refletiu, por exemplo, em relação ao divórcio.

IHU On-Line - Qual a fundamentação teológica para alicerçar a ordenação de mulheres e homossexuais?

Sebastião Gameleira Soares - Na verdade, a ordenação de homossexuais não é um problema teológico. Pode ser um problema ético e será sempre, como a ordenação de qualquer pessoa, uma questão pastoral de discerni-

mento de vocação e capacidade para o exercício do ministério. De fato, as Igrejas, ao longo da história, têm ordenado pessoas homossexuais. Quanto às mulheres, há a longa tradição bíblica e eclesial de só ordenar homens. De novo, trata-se de questão hermenêutica. É da natureza da revelação divina a exclusão de mulheres ou isso dependeu da multissecular cultura patriarcal? Uma comissão de biblistas e teólogos, nomeados por Paulo VI,⁷ respondeu a essa questão dizendo não haver nas Escrituras e na Tradição nenhum argumento decisivo para que se excluam as mulheres, como questão dogmaticamente fechada. Entendemos, segundo Gálatas 3, 28, que “somos uma só coisa em Jesus Cristo”.

IHU On-Line - Qual a sua impressão a respeito da ausência dos 230 bispos apontados como conservadores, na Conferência de Lambeth? O que essa atitude revela sobre os rumos da Igreja Anglicana?

Sebastião Gameleira Soares - Na Conferência, éramos 650 bispos, de todas as tendências. Assim, a questão de fundo não é a do conflito entre progressistas e conservadores, mas a atitude não anglicana de se fechar ao diálogo e pretender impor a toda a Igreja o próprio ponto de vista. Esse já não é o nível do debate doutrinal e teológico, mas o de projetos de poder e de controle do conjunto da Igreja por parte de determinados grupos e seus interesses. Como isso se desenvolverá, ainda não o sabemos. Por enquanto ainda há pontes de ligação.

IHU On-Line - Que outros temas a Igreja deveria discutir mais?

Sebastião Gameleira Soares - Em todo esse debate, ficam no ar para muitas pessoas algumas perguntas. Para além das questões hermenêuticas (interpretação da mensagem bíblica) e eclesiológicas (autonomia e interdependência das Igrejas; projetos de poder e de imposição do próprio ponto de vista), não seria importante, com a mesma veemência com que se debate sobre 7 Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini, Papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

ética sexual, debater e combater a injustiça, a fome, a violência, a corrupção? Por que essas questões não têm o mesmo poder de mobilização dos grupos de Igreja, como o têm as questões de sexualidade? Não se faz necessária uma reflexão mais profunda sobre a fé cristã e normas e costumes morais? Da fé no Evangelho decorrem necessariamente determinados costumes? É tarefa do Cristianismo declarar a Lei para regular o comportamento humano, ou testemunhar a Graça em qualquer situação? Mesmo que julguemos certas condutas como desejáveis ou até mesmo mais correspondentes às estruturas da Natureza, nossa missão em Cristo é fixar fronteiras a partir dos critérios de “normalidade”, ou acolher todas as pessoas como filhas de Deus? A experiência “mística” da filiação divina se traduz necessariamente naqueles comportamentos tidos como “desejáveis” na sociedade? São perguntas que nos devem provocar a refletir, para que amadureça o “sensus fidelium” na direção que o Espírito queira indicar à Igreja.

LEIA MAIS...

Conferência de Lambeth: assembléia dos bispos da Igreja Anglicana, que acontece de dez em dez anos. A primeira aconteceu em 1867, e a 14ª iniciou em 16 de julho e terminou em 3 de agosto de 2008 no campus da Universidade de Kent, na Cantuária, Inglaterra. Esta Conferência é um dos quatro instrumentos de governo e entendimento democrático dentro da Comunhão Anglicana. Os demais instrumentos são o Arcebispo da Cantuária, o Conselho Consultivo Anglicano e a Reunião dos Primazes. A conferência se realizou num momento delicado para a Igreja Anglicana, que se encontra dividida por causa de algumas recentes decisões. Duzentos e cinquenta bispos anglicanos conservadores não participaram da Conferência de Lambeth. Eles pedem o restabelecimento da linha tradicional, em contraposição à linha episcopaliana estadunidense, que aprovou a ordenação episcopal de um homossexual. Também a recente decisão do Sínodo realizado em York, na Inglaterra, de aprovar a ordenação episcopal de mulheres causou tensões entre os bispos anglicanos, o que provocou rumores de um cisma. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos — IHU (www.unisinos.br/ihu) tem dado ampla repercussão ao tema. Para conferir maiores detalhes, acesse as **Notícias do Dia** e digite a palavra chave “Lambeth”. Confira, ainda, a entrevista “A Igreja não pode estar desconectada do mundo”, concedida pelo reverendo cônego Francisco de Assis da Silva, secretário-geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil à edição 270 da IHU On-Line, de 25-08-2008.

Invenção

Editoria de Poesia

Elson Fróes

POR ANDRÉ DICK

O poeta Elson Fróes nasceu em São Paulo (SP), em 1963. Formou-se em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), e apresenta trabalhos, no campo poético, desde a década de 1990, colaborando com poemas e traduções em vários jornais e revistas literárias, como *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *Medusa*, *Monturo*, *A Cigarra*, *Tsé=Tse* e *Babel*, entre outras. Fróes, ao mesmo tempo, se dedica à poesia visual, elaborada com toda sorte de recursos, do artesanal ao eletrônico, que pode ser consultada no site de poesia que coordena, chamado *Pop Box*. Como tradutor, verteu para o português versos de Blake, Shakespeare, Cummings, Sylvia Plath, Ungaretti, Gironde, MacLeish, entre outros. Lançou também os e-books *Poemas galegos* e *Poemas traduzidos* em 2000.

No recém-lançado *Poemas diversos* (São Paulo: Lumme Editor, 2008), Fróes apresenta seus poemas antes dispersos num volume único. Seus versos se destacam pela sonoridade, baseada numa leitura da tradição brasileira poética baseada na música. Daí ser responsável pelo site *Kamiquase*, dedicado a um dos poetas que mais realizaram essa intersecção entre literatura e canção popular, o poeta paranaense Paulo Leminski. No poema “Complementos”, por exemplo, escreve: “Ao sol, fel mente / o que se vê dissolve-se / véu indiscutível / / Frio fel do visto / isto é, saudade / do que não vi / vi / / Desfio o desafio / frio fel tecido / / Desvisto a saudade / saúdo o desvio / desvirtuo a verdade

/ esvazio o dever / / aqui / há que se / aquecer o / que há de / ser”. Ou em “Antiqui aurora”: “fora o que me haure / fora o ar em que ardo das artérias minem / acesas amanhã / ora ainda destempero / em flor o tempo flamo ao que chama / contemple-se ora / o quanto a que aero / o vento acenda aquele outro áureo / o canto que impele / todos em pós em luz / o agora amor em mim hálito divino / ânfora afora”. Obviamente, esta tradição musical também apresenta outras influências: os trovadores provençais, os barrocos, as odes gregas. Em “Ode a Safo”, assinala: “— phoenix inextata — / impossível dilapidar uma aura / (haurir a musa) a memória / dimanante ainda afia / antes diamante aflora / teu dia ou noite / luz / não cinge mas sim / jus”. Em “Caro seja meu canto”, lembra o provençal Ventadorn: “Seja volátil amar / neste ar em flamas / que o coração labora / / Canto de amor agora / se já evolva em flamas / o que desejo neste ar. / Seja volátil o desejo / em flamas neste ar / de acender o que adora”.

Poesia crítica

Também baseado numa poesia crítica — que leu sobretudo em autores como João Cabral e Augusto de Campos —, Fróes investe numa metalinguagem, em que mesmo escritores se tornam personagens vitais, como em “escrever qual Anchieta / na areia / / deixar ao mar / o verso só”. Ou em “Leminski via Blake”: “Até o átomo mais ínfimo

/ conta toda a eternidade / de cor por um átimo”. Num poema como “Camisa”, por sua vez, ele incorpora a poética do homenageado, Vasko Popa, sobretudo na construção estranha dos versos, trazendo uma leitura nada linear: “Casa separa casa / Pensar com eles / / Lava-se sob o sol / Aprende o ar em botão / / Casa separa o corpo / Para si e abraça / / Acompanha pares / Da gaveta em dobras”. Nele, há uma analogia entre a camisa e a casa, que guardam o corpo. No entanto, configura-se o envelhecimento da camisa: “O tempo rasga / / Despe o corpo / Traça o destino come”. Em “Colcha”, outro poema dedicado a Popa, lê-se: “O corpo em concha / Submerge na onda / / Sonhos em ronda / Sombras inundam / / Sobre uma nuvem / Somem nuncas”. Repare-se a correspondência sonora entre as palavras (“concha”, “sombra”, “ronda”, “inundam”, “nuncas”), buscando aliterações.

Além disso, Elson Fróes, em alguns poemas, brinca com a própria condição de realizar poesia: “Se sou o poeta / como previa / e não feliz / como queria / A vida sem / garantias / sim / Cessou a dor / que doía / sem / A ferida / se infere / enfim / infinita”. Ou em “Texturas 3”: “Eu sou Elson e sôo / por hélices em vôo / o que floresce”. E também em “Isto é”: “Se isto / não for poesia / eu insisto / até que um / deus imprevisto / diga / desisto / eu não existo”. À IHU On-Line, Fróes enviou dois poemas de sua produção inédita.

UM DIA

Um dia daquelas vitórias
qualquer dia
desses que na memória
sempre se adia
daquelas pequenas coisas
supremas
embora infinitamente
pequenas
vencerei no mínimo
e ainda
contrário a toda noite
o dia finda
te sonharei feliz e só
entre
as trevas e o travesseiro
macio
um dia de sol e flores
num quadro
desses que na galeria
se eterniza
daqueles pequenos sonhos
suspensos
embora infinitamente
breves
a vitória do máximo
do mínimo
conforme toda sorte
de eternidade
e acordarei feliz e
só você
para me iluminar
o vazio

PARA DIZER, OLHAR
a Lucia Boni

para dizer, olhar
e paraíso!
para sonhar, te ver
e teu sorriso
nada além disso:
o simples
como encanto
o olhar a dizer:
pare! e paraliso
no imprevisto
como um sonho
em teu sorriso
nada além disso:
o belo
como feitiço

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 25-08-2008 a 31-08-2008.

As classes populares, mestres da caminhada

Entrevista com Iraneidson Costa

Confira nas Notícias do Dia 26-08-2008

Um homem que dedicou sua trajetória de amor e serviço, seu tempo e sua energia aos pobres. Esta é a figura que fica de Cláudio Perani. Por isso, publicamos esta entrevista em homenagem à história e ao trabalho deste importante personagem da Igreja Católica no Brasil.

Expointer: um símbolo da matança industrial de animais

Entrevista com Rafael Jacobsen

Confira nas Notícias do Dia 27-08-2008

Vegetariano há dez anos, Jacobsen diz que desde criança vê os animais como seres que possuem direitos. “A Expointer é um emblema do que é toda a indústria da criação e da matança industrial de animais”, afirma.

A biodiversidade, grande possibilidade brasileira, e os povos indígenas

Entrevista com Washington Novaes

Confira nas Notícias do Dia 28-08-2008

Pensar as atuais questões pendentes acerca do meio ambiente brasileiro é o que faz o jornalista ambiental na entrevista do dia de hoje.

Raposa Serra do Sol: “O pedido de vista deve ser um movimento para reduzir a extensão da reserva”

Entrevista com José Geraldo de Sousa

Confira nas Notícias do Dia 29-08-2008

Sob o olhar do direito, o professor da UNB analisa, nesta entrevista, o julgamento sobre a demarcação da terra de Raposa Serra do Sol, em Roraima, e reflete sobre as problemáticas que levaram à situação atual em que está o conflito travado entre índios e não-índios daquela região.

Raposa Serra do Sol: “A terra não representa simplesmente uma questão de sobrevivência econômica”

Entrevista com Joênia Batista de Carvalho

Confira nas Notícias do Dia 30-08-2008

Conhecida como Joênia Wapichana, a primeira índia graduada em Direito no Brasil defendeu oralmente no STF a causa dos índios de Raposa Serra do Sol. Ela avaliou positivamente a primeira parte do julgamento.

O impacto da midiaticização na sociedade latino-americana

Entrevista com Pedro Gilberto Gomes

Confira nas Notícias do Dia 31-08-2008

A um ano do Mutirão da Comunicação da América Latina e do Caribe, os organizadores já começam a articular os debates. O professor e pró-reitor acadêmico da Unisinos Pedro Gilberto Gomes reflete sobre a comunicação a partir de uma cultura da solidariedade e dos processos em que ela se desenvolve na América Latina.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU – www.unisinos.br/ihu, no dia 27-08-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 04-09-2008	
<i>IHU Idéias</i> A “Atividade Inovativa” é Trabalho? Palestrante: Profa. Dra. Gláucia Angélica Compregher – PPG em Economia – Unisinos Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU	
Dia 05-09-2008	
<i>De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana</i> Módulo IV: 14h às 16h: Contexto social, político, econômico e cultural de Aparecida Conferencista: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos 16h30min às 18h30min: Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana Conferencista: Prof. Dr. Benedito Ferraro – PUC-Campinas 19h30min às 22h: Testemunhos de Fé: Exibição do filme <i>4 de julho</i> (Juan Pablo Young e Pablo Zubizarreta, Argentina, 2007, Documentário, 78 min.). Debatedor: Prof. Dr. Alfredo Santiago Culleton – Unisinos e Pe. Mariano Pinasco Local do Módulo IV: Auditório Central/Unisinos – Centro 1	
Dia 08-09-2008	
<i>Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia</i> As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes (John Maynard Keynes, 1883-1946)	

PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

O massacre de San Patricio. Religiosos palotinos são trucidados

“Qualquer palavra que se dissesse contra os métodos utilizados pela cruel ditadura era praticamente uma condenação de morte”, afirma o padre palotino Mariano Pinasco

POR BRUNA QUADROS

“**M**elhor que, diante do que estamos fazendo, fiquem quietos, calem.” Eram frases deste teor que ditadores argentinos lançavam sobre membros da comunidade palotina de San Patricio, no período de repressão que assolou o país, diante de crimes que vão desde tortura até a morte. Um dos motivos para esta perseguição talvez estivesse no comprometimento claro e profético dos palotinos, diante do momento que a Argentina vivia, conforme aponta o Prof. Dr. Pe. Mariano Pinasco, religioso palotino, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line. Em 6 de julho de 1976, cinco dos religiosos que integravam a congregação foram brutalmente assassinados. Para Pinasco, os assassinos do Massacre de San Patricio, na Argentina, queriam uma Igreja que ficasse quieta, que não denunciasse a tragédia que a sociedade estava vivendo. A memória destes grandes mártires do século XX continua viva, nos dias de hoje. “O sangue derramado por essa comunidade poderá ser o alicerce para a construção de uma nova sociedade com um jeito também diferente de ser igreja. Uma igreja que volte às suas origens, comprometida até a morte com o ser humano.”

Mariano Pinasco estudou Filosofia e Teologia no Colégio Máximo Palotino de Santa Maria (RS). Em 1990, foi ordenado sacerdote da comunidade palotina. É doutor em História Eclesiástica, pela Universidade Gregoriana de Roma, na Itália. Atualmente, é professor da cátedra de História no curso de Teologia na Faculdade Palotina de Santa Maria (RS) e presidente da Comissão Histórica dos Palotinos, sediada em Roma, Itália. No dia 5 de setembro, ele estará na Unisinos para participar do evento *Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Durante a atividade, será exibido o documentário *4 de julho*, dirigido por Juan Pablo Young e Pablo Zubizarreta, no Auditório Central da Unisinos.

IHU On-Line - Por que os palotinos foram assassinados no Massacre de San Patricio?

Mariano Pinasco - Existem várias teorias ou especulações sobre o crime cometido contra a comunidade palotina de San Patricio. Uma delas seria o fato de dar um golpe contra a Igreja Católica em geral, quer dizer, uma mensagem para a Igreja no começo da cruel ditadura militar sofrida na Argentina: “Melhor que, diante do que estamos fazendo, fiquem quietos, calem”. Outra linha de pesquisa nos pode conduzir ao próprio testemunho que a comunidade dos cinco religiosos

dava nas tarefas evangelizadoras por eles realizadas, especialmente por alguns dos seus membros, mas certamente não foi um fato isolado dentro do contexto de morte e destruição que a sociedade Argentina vivia a partir da violência sistemática gerada desde um Estado repressor.

IHU On-Line - Que posturas políticas eles tinham para serem perseguidos pela ditadura Argentina?

Mariano Pinasco - Certamente, alguns dos membros dessa comunidade tinham um compromisso claro e profético diante da situação de regi-

me militar que estava se vivendo na Argentina. Qualquer palavra que se dissesse contra os métodos utilizados pela cruel ditadura era praticamente uma condenação de morte. Desde o púlpito da paróquia de San Patricio, se denunciavam os fatos terríveis que estavam acontecendo na Argentina e isso foi feito na frente de uma congregação composta por fiéis que, em muitos dos casos, ocupavam lugares de privilégio na sociedade, num dos bairros mais ricos da cidade de Buenos Aires. Essas denúncias certamente originaram mais de um comentário nos círculos fechados que apoiavam a di-

“O testemunho deles certamente será semente de vida, o seu sangue será o adubo para muitos que seguindo esse testemunho não se calarão diante das injustiças”

tidade militar e isso ajudou para que a comunidade fosse “marcada” para morrer.

IHU On-Line - Quais eram suas atividades na Argentina?

Mariano Pinasco - A comunidade era composta de três sacerdotes que se ocupavam do trabalho pastoral tipicamente paroquial urbano e, além disso, o Pe. Alfredo Kelly, pároco de San Patricio, era o diretor de uma importante escola de catequistas em Buenos Aires. A comunidade palotina de San Patricio estava também composta pela comunidade de formação, ou seja, os seminaristas da congregação, que eram seis — dois deles assassinados. A paróquia era muito ativa, e os jovens ocupavam um lugar de destaque nas atividades paroquiais. Uma das legendas que os assassinos picharam nas paredes da casa paroquial na noite do crime, como um motivo justificativo do horrível fato, referia-se justamente a eles: “por perverter as mentes virgens de nossos jovens”. Isso também indicaria um dos motivos do crime.

IHU On-Line - Como, quando e por que vieram para esse país?

Mariano Pinasco - Os palotinos chegaram à América do Sul em 1885, seguindo as pegadas da imigração italiana da Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul, e se estabeleceram no Uruguai, quando foram convidados a assistir, religiosamente, aos imigrantes irlandeses que se encontravam nas pampas argentinas, assumindo trabalhos paroquiais e na área da educação através da fundação de diversas escolas. Pouco a pouco, foram assumindo trabalhos, não só com os imigrantes irlandeses, mas começaram a se comprometer

nas atividades com toda a sociedade Argentina.

IHU On-Line - Quais foram as circunstâncias em que ocorreu o Massacre de San Patricio?

Mariano Pinasco - O massacre de San Patricio se origina num contexto que não escapa do contexto que a América Latina viveu na década dos anos 1970. A partir de março de 1976, foi derrubado o governo democrático na Argentina — na época, o país era presidido por Isabel Perón¹ e passou a ser comandado por Jorge Rafael Videla² — e começou uma sangrenta ditadura encabeçada pelos militares. A partir daí, começa a execução de um plano sistemático de repressão e de extermínio de tudo aquilo que era participação popular na vida política, no mundo do trabalho e na ação de social. Instalou-se o terrorismo de Estado que reprimiu, desapareceu e assassinou um bom número de cidadãos, como parte de um plano muito bem pensado. Foi certamente um regime de terror que silenciou e edificou uma sociedade cheia de medos. Anos de terror se instalaram numa sociedade que durante quase oito anos viveu perseguida, silenciada e paralisada pelo medo.

IHU On-Line - Como a igreja argentina trabalha a memória do Massacre

¹ Isabel Perón (1931): primeira mulher a ocupar a presidência de um país na América Latina, María Estela Martínez de Perón é conhecida por seu pseudônimo artístico, Isabel. Liderou a Argentina de 1974 a 1976. (Nota da IHU On-Line)

² Jorge Rafael Videla (1925): foi chefe das Forças Armadas e presidente da Argentina de 1976 a 1981. Seu governo é acusado de inúmeros abusos aos direitos humanos durante a chamada “guerra suja”, que começou com um projeto para pôr fim ao terrorismo, mas que culminou com a morte de milhares de civis. (Nota da IHU On-Line)

de San Patricio?

Mariano Pinasco - Na verdade, uma das teorias que indicam que o crime cometido contra a comunidade palotina foi um sinal de advertência para toda a igreja argentina parecia estar muito acertada, pois obteve muito efeito. Um mês depois do massacre da comunidade palotina, no dia 6 de agosto de 1976, foi assassinado o bispo Angelelli³ de La Rioja, no norte argentino, e leigos, catequistas, irmãs e padres de diferentes regiões também foram desaparecidos ou mortos ao longo do regime. Isto fez com que também o medo se apoderasse de muitos dos referentes da igreja Argentina, paralisando-os, fazendo justamente aquilo que buscavam os assassinos, isto é, uma igreja que fique quieta, que não denuncie a tragédia vivida pela sociedade. Outro capítulo amargo desta história certamente foram os que desde o ministério pastoral apoiaram abertamente a metodologia e a ideologia do sistema ditatorial vigente. Neste sentido, ainda como comunidade católica estamos em dívida na Argentina, pois nunca se assumiu o fato de que muitos dos membros, da hierarquia e não só, foram cúmplices do regime terrorista através do silêncio e até houve alguns que apoiaram o regime ilegal publicamente. No caso particular da comunidade palotina assassinada, começou-se, há quatro anos, com o processo canônico para o reconhecimento martirial oficial por parte da Igreja, um processo que levará tempo mais que certamente será uma oportunidade para resgatar a memória, não só dos cinco membros da comunidade palotina, mas também de tantos eclesiais e leigos que derramaram o seu sangue com a esperança da construção de uma sociedade mais justa, mas solidária e mais fraterna.

³ D. Enrique Angelelli (1923-1976): assassinado pela ditadura militar por sua defesa da causa dos empobrecidos. Na década de 1970, Angelelli era a figura mais progressista da Igreja argentina. Foi acusado pela direita de fazer uma pregação ideologizada. Quando se deu o golpe militar de 1976, Angelelli compreendeu que a repressão se estenderia também aos seus padres e fiéis. Foi o que aconteceu. Num auto-presságio, Angelelli antecipou naquela época que logo depois de assassinar a dois padres e a um leigo da sua diocese, a repressão “me atingirá”. A profecia se cumpriu. (Nota da IHU On-Line)

“Tenho certeza de que o sangue derramado por estes mártires do século XX brotará por algum lugar na nossa sociedade, gerando uma espécie de experiência de ressurreição, de experiência pascal”

Esperamos que a memória de todos eles seja resgatada e colocada no lugar que merecem, pois, como dizem por aí, “um povo que esquece sua memória é um povo sem futuro”.

IHU On-Line - Qual é o principal legado humanitário e político desses religiosos mortos pela ditadura argentina?

Mariano Pinasco - O legado que nos deixaram os cinco religiosos de San Patricio foi o seu testemunho de vida diante de uma sociedade cheia de sinais de morte ao seu redor. O testemunho deles certamente será semente de vida, o seu sangue será o adubo para muitos que seguindo esse testemunho não se calarão diante das injustiças. O sangue derramado por essa comunidade poderá ser o alicerce para a construção de uma nova sociedade com um jeito também diferente de ser igreja. Uma igreja que volte às suas origens, comprometida até a morte com o ser humano. Muito interessante foi a experiência de ouvir os testemunhos das pessoas que tiveram a oportunidade de assistir ao documentário *4 de julho*, principalmente daqueles que se consideram ateus, muitos deles diziam: “Nunca imaginamos uma Igreja assim”. Tenho certeza de que o sangue derramado por estes mártires do século XX brotará por algum lugar na nossa sociedade, gerando uma espécie de experiência de ressurreição, de experiência pascal.

A política econômica de Keynes

Tema estará em debate no próximo ciclo de estudos a distância

POR BRUNA QUADROS

As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes é o assunto que será discutido durante o ciclo de estudos em Educação a Distância – EAD – Repensando os Clássicos da Economia, que será realizado de 08 a 20 de setembro. A atividade é promovida periodicamente pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU e tem como objetivo oferecer à comunidade acadêmica e ao público em geral uma visão reflexiva das principais idéias e implicações das obras de autores clássicos e contemporâneos da economia. O assunto que será apresentado nesta fase do ciclo já ilustrou a edição número 37 dos **Cadernos IHU Idéias**, publicada em 2005, sob a autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Segundo o autor, as análises e proposições de política econômica de Keynes, as suas concepções teóricas e as prescrições econômicas contidas em seus livros e artigos influenciaram o rumo do capitalismo e revolucionaram o estudo da economia moderna. “Keynes sempre centrou suas atenções e energias em entender a natureza dos problemas econômicos das economias empresariais modernas, economias monetárias, tais como instabilidade do nível dos preços, flutuações cíclicas dos níveis de produto e emprego e crises monetário-financeiras.” Além disso, Ferrari destaca que ele ainda buscava apresentar soluções para os problemas, que seguiam na direção da regulação do capitalismo por parte do Estado e na busca da arquitetura de uma nova ordem econômica mundial.

Em seus estudos iniciais, as reflexões econômicas de Keynes apresentavam um sistema monetário-financeiro mais racional e estável do que o regime padrão-ouro, o qual não propiciava a elasticidade necessária para dinamizar as relações comerciais e financeiras mundialmente. Mais tarde, porém, após comparar os sistemas monetários, Keynes passa a expressar um ceticismo em relação à utilização do ouro como principal ativo de pagamentos e reservas internacionais. Ferrari destaca que Keynes propunha reformar o sistema monetário-financeiro, nos moldes de um padrão internacional, em que moedas conversíveis e administradas pelos bancos centrais pudessem ser lastreadas em ouro. O conteúdo completo dos **Cadernos IHU Idéias** sobre o tema está disponível em www.unisinos.br/ihu.

DIVULGAÇÃO



Cartas do Leitor

Reproduzimos mensagens recebidas recentemente, enviadas por leitores e entrevistados da revista IHU On-Line:

“Recebi hoje a versão impressa da revista IHU On-Line. Muito obrigada. Gostaria de registrar meu encantamento com o seu trabalho e com o trabalho do Instituto. Parabéns! Gostaria muito de receber as revistas anteriores que tratam da questão da paternidade, pois continua sendo meu objeto de pesquisa no doutorado. É possível? A Unisinos é uma Universidade privada? Ligada à Religião? Gostaria de mais informações, por favor. Um grande abraço.”

Edna Galvão, pedagoga e doutoranda em Memória Social na Unirio, entrevistada na IHU On-Line número 267, de 04 de agosto de 2008, cujo tema de capa é *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*.

“O número inteiro da revista saiu muito bem, cobrindo as mais variadas atitudes ética e políticas, num pluralismo saudável. Parabéns pelo excelente trabalho jornalístico e humano! Cá para nós, cada um tem suas preferências, a entrevista da qual mais gostei, e mesmo gostei mais do que a minha, é a da professora Cecília. Dê-lhe, se estiver com ela, por gentileza, meus cumprimentos respeitosos. Um abraço.”

Prof. Roberto Romano, filósofo e professor de filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entrevistado na IHU On-Line número 269, de 19 de agosto de 2008, cujo tema de capa é *Tortura, crime contra a humanidade. Um debate urgente e necessário*.

“Recebi ontem o texto impresso e de fato está de excelente qualidade; um dos destaques que faço é forma editorial cuidadosa de informar sobre os assuntos que são tocados na entrevista, como as notas de rodapé do editor. Mais uma vez muito obrigada pela oportunidade e pela gentileza em me repassar as observações elogiosas do Prof. Roberto Romano. Se houver oportunidade agradeça a ele em meu nome. Abraços e bom trabalho.”

Cecília Pires, filósofa e professora nos cursos de graduação e pós-graduação de Filosofia da Unisinos, entrevistada na IHU On-Line número 269, de 19 de agosto de 2008, cujo tema de capa é *Tortura, crime contra a humanidade. Um debate urgente e necessário*.

“Acabo de ler publicado e devo-lhe agradecer o respeito e fidelidade com que tratou meu texto. Com jornalistas assim vale a pena trabalhar. Um cordial abraço.”

Alfredo Jerusalinsky, psicanalista argentino, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Association Lacanienne Internationale, entrevistado na IHU On-Line número 269, de 19 de agosto de 2008, cujo tema de capa é *Tortura, crime contra a humanidade. Um debate urgente e necessário*.

Perfil Popular

Luiz Fernando Martins

POR BRUNA QUADROS

O presidente do Conselho Municipal de Saúde de São Leopoldo, Luiz Fernando Martins, é o Perfil Popular desta semana. Em visita à revista IHU On-Line, na última semana, ele contou que o trabalho no Conselho, que visa ao bem-estar da comunidade, é apenas uma das suas atribuições. Ele divide seu tempo entre a Associação dos Moradores do Bairro Rio dos Sinos e no grupo de artesanato e padaria Mãos Unidas. O trabalho segue a lógica da Economia Popular Solidária. Sobre a sua religiosidade, Luiz destacou que se criou no catolicismo, mas, atualmente, faz a opção pelo espiritismo, onde encontra conforto. Confira, a seguir, a trajetória de vida de Luiz:

BRUNA QUADROS



“Sempre fui muito preso. Não me deixavam sair para a rua, mas eu brincava muito em casa, com os guris da redondeza, de carrinho e bang-bang.” Assim, Luiz Fernando Martins, 56 anos, começa a contar a sua trajetória de vida. Nascido no município gaúcho de Novo Hamburgo, ele cresceu acompanhando o trabalho de seus pais, Otaviano e Lealdina, na colônia. “Eles plantavam milho e mandioca. Meus avós maternos trabalhavam com corte de acácias. Então, onde tinha trabalho, eles iam; eram meio nômades.” Filho mais velho da família, aos 13 anos, Luiz já trabalhava com o seu pai, na compra e venda de mandioca. “A gente comprava no interior e vendia em Porto Alegre.”

Foi com esta vida simples que Luiz e seus irmãos aprenderam valores fundamentais: “Responsabilidade, honestidade. O normal da vida, que os pais passam para os filhos, como ter compromissos.” O mesmo comprometimento com o trabalho não era demonstrado nos estudos. “Fui um tanto preguiçoso e estudei até o Ginásio.” Para Luiz, na época em que ele era estudante, o estudo era mais puxado. “O 1º Grau de hoje, por exemplo, não tem o mesmo conteúdo que tinha na época. Pelo conhecimento, o 2º Grau de hoje equivale ao Ginásio que concluí. Não fui adiante porque me acomodei.”

“Deus não castiga ninguém. Somos nós mesmos que nos castigamos”

Trabalho e Mãos unidas

O primeiro emprego de Luiz foi na União de Bancos Brasileiros, como *office-boy*. “Em seguida, fui trabalhar em um departamento de pessoal, e fiquei muitos anos nessa área de recursos humanos. A última empresa em que trabalhei foi em Saporanga.” O trabalho no grupo Mãos Unidas, que surgiu em 2006, no bairro Rio dos Sinos, em São Leopoldo, era para ser realizado pela esposa de Luiz, a Loreci. “Ela trabalhava com artesanato e se preparava para a sua primeira exposição, quando faleceu, em 2005.” Depois disso, os filhos de Luiz o incentivaram a ocupar o lugar dela no grupo. “Hoje, trabalho com confeitaria e panificação, junto com outras 13 pessoas, que também se envolvem com artesanato.” Segundo Luiz, muitas pessoas ainda não estão cientes do que é a Economia Solidária, da importância do trabalho cooperativo. Além do grupo Mãos Unidas, ele integra a Associação Comunitária do Bairro Rio dos Sinos, como tesoureiro, e representa a Associação no Conselho Municipal da Saúde, onde é o atual presidente.

Aos 29 anos de idade, Luiz casou. Ele conta que sua esposa já tinha um casal de filhos, os quais ele adotou como se fossem seus. “Meu primeiro filho com ela, se chama Diego, depois vieram a Mellany e o Leonardo. Eles são tudo para mim.” Nicolas, o netinho mais novo, é o xodó da família. “Os outros netos também são especiais, mas este é o primeiro neto de sangue.” E é o nascimento de Nicolas que Luiz define como um dos melhores e mais felizes momentos da sua trajetória. Em contrapartida, a tristeza é marcada pela morte da esposa que, com problemas cardíacos, faleceu nos braços de Luiz e de seu filho mais novo. “O grande sonho que eu tinha compartilhava com a minha esposa, que era o de comprar a casa própria. Hoje em dia, quero ver os meus filhos realizados na vida.”

Política

Partidário e militante do PT, Luiz reconhece que há muitas coisas boas sendo realizadas. No entanto, ainda há muito a ser feito. Como presidente do Conselho Municipal da Saúde, um dos mais influentes da cidade, Luiz também atua na fiscalização social da saúde no município. “Se a administração não aplicou corretamente a verba da saúde, a gente vai cobrar.”

Religiosidade

Criado nos princípios da religião Católica, Luiz não se contentava com certas respostas do catolicismo e se incomodava com algumas colocações de seus pais e avós, como, por exemplo, “Deus vai te castigar.” Além disso, quando acompanhava seus pais na missa, “o padre desviava dos assuntos da Igreja, e aquilo não me fazia bem.” Depois de casado, por influência de amigos, Luiz passou a frequentar um centro espírita. “Foi aí que me encontrei. Deus não castiga ninguém. Somos nós mesmos que nos castigamos.”

IHU Repórter

Alice Grecchi

POR BRUNA QUADROS

A família Grecchi, de origem italiana, se estabeleceu no município gaúcho de Guaporé. Foi lá que a professora Alice Grecchi nasceu e passou parte da sua infância. Este período de sua vida foi marcado por muitas aventuras em meio à natureza. No entanto, sua área de atuação profissional foge da Biologia ou da Ecologia. Alice é graduada em Administração de Empresas e Direito. Com mestrado em Direito Tributário pela Unisinos, ela integra o quadro de professores da universidade desde 1995, época que ela considera que a exigência sobre os alunos era maior, o que resultava em estudantes com maior qualificação. Na última semana, a professora visitou a redação da revista IHU On-Line para contar a sua história de vida à editoria IHU Repórter. Confira, a seguir.



Arquivo Pessoal

Origens - Nasci no interior de Guaporé, no Rio Grande do Sul. A família Grecchi se estabeleceu lá, trabalhando com moinhos. Fui criada lá até os 14 anos. Meu falecido pai trabalhava em serralheria e moinho, e minha falecida mãe, como toda a mulher daquela época, era dona-de-casa. Éramos nove irmãos. Sou a penúltima filha, estou com 56 anos. Meu pai sempre nos manteve afastados nos negócios dele. Ninguém sabia quanto ele ganhava. Quando ele faleceu, descobrimos que todo o seu patrimônio estava penhorado.